

**NOVO  
DECAMERON**

*Copyright©2021*

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido, em qualquer meio, sem autorização prévia dos autores/ Selo Editorial Starling.

Editor: Rodrigo Starling

Capa: Gisele Starling e Jackson Abacatu

Revisão: Selo Editorial Starling

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Novo Decameron / Rodrigo Starling, (org.). -- Belo Horizonte, MG: Starling, 2021. Vários autores.

ISBN 978-65-994783-7-6 1.

Poesia brasileira - Coletâneas I. Starling, Rodrigo.

21-84441

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Antologia: Literatura brasileira B869.108  
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Rodrigo Starling (Org.)

**NOVO  
DECAMERON**

Starling  
2021

"(...) Porque por força das circunstâncias, muitas coisas, que contrariavam os costumes básicos de qualquer cidadão, começaram a existir entre os que permaneciam vivos"

*Giovanni Boccaccio em "Decameron" (1348-1353)*

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
Alana Girão de Alencar	10
Alberto Arecchi	13
Alcéa Romano	16
Alexandre Cayêras	19
Almir Zarfeg	24
Ana Elias	28
Ana Amor Santos	30
André Galvão	33
André Lopes Pereira	36
Antonio Marcos Foureaux Costa	39
Antônio Miranda	42
Benimar de Oliveira Barbosa	45
Bruno Michel Ferraz Margoni	50
Brunno Vianna	52
Carlota de Barros	57
Celi Melo Girão	63
Cesar L. Theis	65
Cláudio Hermínio	68
Clevane Pessoa	71
Dábata Medeiros Fernandes	74
Dalva Silveira	78
Daniel de Culla	82
Daniele Pereira	87
Davi Araujo de Oliveira	89

Débora Nascimento de Brito	92
Diana Castilho	95
Edson Fuhrman	98
Elaene Suzete	103
Elisa de Jesus	106
Emmanuel Arruda	109
Erivan Augusto Santana	113
Expedito Profex	116
Felipe L. Cavalcante	121
Flávia Redman	123
Gisele Starling	127
Hugo Lima	129
Isabelle Condor	133
Israel Faria	135
Ítalo Rafael Lima Dourado	139
Izabel Cristina Oliveira Martins	142
Jackson Abacatu	146
Joana Santos Silva	149
José Hilton Rosa	152
José Antônio Urroz Lopes	156
Juliana Ferreira	159
Júlio César Martins Soares	161
Kerley Santos	163
Leandro Almeida	166
Manoel Barbosa	169
Márcio de Souza Andrade	172
Marco A. Sloboda Cortez	176
Neide Oliveira	179
Neila Reis da Silva	182

Paloma Elaine Santos Goulart	185
Patrícia Alvarenga	188
Paula Valéria Andrade	193
Rassé Lagos	196
Ricardo Alfaya	199
Rilnete Melo	202
Rodrigo Starling	205
Rogério Salgado	208
Salomão Sousa	210
Samuel Medina	214
Talita Yara Oliveira	218
Tchello d' Barros	222
Trabion	226
Wellington Farias	229
SELO EDITORIAL	232





# APRESENTAÇÃO

Inspirada na obra "Decameron" de Giovanni Boccaccio (1313-1375), esta antologia do Selo Editorial Starling objetivou refletir, com as lentes da poesia e do amor, sobre um dos momentos mais sombrios de nossa história, nacional e mundial.

Em livre atualização do original, neste **NOVO DECAMERON** a ideia foi canalizar, por meio dos poetas, "antenas da raça", as mais variadas nuances da vida humana, com "suas riquezas e contradições, suas paixões e armadilhas"; especialmente quando confrontadas com uma pandemia global e mortal, **onde os autores filosofaram e poetizaram sobre quatro aspectos centrais: iminência da morte; brevidade da vida; escassez do tempo e a urgência do amor.**

Nesta proposta de capturar o "Zeitgeist", o "Espírito da Época", mediante seleção ou convite, mais de 60 poetas brasileiros e também de outras nacionalidades partilharam suas dores e amores, suas visões (ou revelações) sobre o clima intelectual

e cultural do mundo, partindo do lugar mais inspirador que se pode estar, o interior de si mesmos.

*Rodrigo Starling  
Belo Horizonte/MG  
Primavera de 2021*

# ALANA GIRÃO DE ALENCAR



Natural de Fortaleza, poeta, psicanalista, escritora e advogada. Publicou cinco livros: Trago do Verbo (2002); Poema Canção (2003); Nunca Sei Dizer Direito (2006); Detalhes da Alma de Alguém (2018) e Metáforas de uma Análise (2020). Escreveu para a Coluna da Revista Público A - Direito e Poesia (2012/2015). Produziu o show: "Soul de Áries" em 2019. Autora do monólogo "A Solidão de Ser Mistério", apresentado na Mostra de Solos Brasileiros em 2019.

# ALÉM DE MIM

Não fosse meu corpo gritando guerra,  
adoeceria frente a esse horror,  
nutrido por pícaros anojosos e cruéis...  
Deixaria mudo meu poema  
sobre o chorar de ossos desse mesmo corpo irmão.  
Mas há, em mim, uma indignação afoita que resiste...  
E numa separação aflita ao todo, escrevo.  
Escrevo o arrastar das súplicas famintas;  
o devaneio do aprisionado;  
escrevo o tormento do suportar calado  
e as lágrimas das perdas.  
Não fosse meu corpo gritando guerra,  
adoeceria frente à essa miséria...  
Deixaria em silêncio a minha voz de ser ainda  
humana.  
Mas há, além de mim,  
um outro que me soma e que, comigo, escreve e  
persevera.  
Juntos, perseveramos pela arte de servir de  
amparo, no mesmo grito inconformado, na mesma  
dor em que sabe haver culpados.  
Não fosse meu corpo gritando guerra...  
Nesta hora, eu não escreveria.

# GAZA

Deslizando a água sobre os nervos... Não há tempo!

A morte escancarada entre homens e crianças.

Tudo dentro treme.

A faixa.

O território estreito.

O ódio em busca de paz.

Desarma-me...

Não, há tempo!

Apenas amo.

# ALBERTO ARECCHI



É um arquiteto italiano, mora na cidade de Pavia. Tem uma longa experiência em projetos de cooperação para o desenvolvimento em vários países africanos, trabalhando como professor e especialista em tecnologias apropriadas para o planejamento de hábitat. Voltando à Itália, atuou como profissional liberal, interessando-se sobretudo na restauração de monumentos históricos. Ensinou em diferentes institutos superiores: História da Arte, Desenho e Técnicas de Construção. Fundador e Presidente, desde 1994, da Associação Cultural Liutprand, de Pavia, que edita estudos sobre a história local e as tradições, sem descuidar das relações interculturais. Escreve contos e poemas em diferentes línguas e tem participado de concursos literários em italiano, português, espanhol, francês e inglês, ganhando prêmios, com novelas e poemas.

# SARAIVA DE DIAMANTES

Gotas geladas, duras como diamantes.  
Onde batiam, deixavam a marca.  
Vidros das janelas quebrados,  
telhados esburacados,  
guarda-chuvas rachados  
como peneiras.  
Os telhados dos carros ficavam  
transformados em enormes dedais.  
As folhas das árvores foram estripadas  
como se foram golpeadas  
por tiros de metralhadoras.  
Então um vento forte levantou-se,  
carregando de todos lados  
os fragmentos da cidade.  
Folhas de cadernos voavam  
com registros fiscais,  
como papagaios leves,  
num enorme furação,  
levantados do chão até às nuvens.  
Parecia o fim do mundo.  
Neste ponto, você esperava  
que o despejo da lixeira  
se transformasse em algo  
bonito ou terrível.  
Esperava a bolha de lixo explodir,  
transformando-se em um dragão monstruoso,

ou rosas e flores desabrochar,  
tremulando em música celestial  
nas encostas do morro artificial.  
Nada disso, queridos amigos.  
Nem a chuva de diamantes  
nem o vento libertador  
que rasgou a cidade em pedaços  
não tiveram efeito nenhum  
na colina encharcada de odores.  
Maciça, elephantina, fedorenta,  
a lixeira resistiu a tudo:  
permaneceu, triste e sombria,  
para referência futura.



# ALCÉA ROMANO



Nascida em Morro do Ferro, município de Oliveira/MG, em 1951. Na adolescência participou de concurso literário em Oliveira. Em 1969 mudou-se para Belo Horizonte e, ao longo do tempo, continuou escrevendo suas poesias. Trabalhou muitos anos na área de comunicação, incluindo rádio e TV. Aos poucos fez transição para área de Terapias Holísticas, seu atual trabalho. Continua escrevendo, seguindo sua inspiração e intuição. Em 2011 participou das antologias "Amor entre Letras" e "Poesias, Contos, e Crônicas", All Print Editora. Em 2012 lançou seu primeiro livro "POESIA DO VIVER". Em 2015 participou da Antologia "O Amor no Terceiro Milênio". Assim, assumiu sua veia poética e o gosto pela escrita. Além de poemas, tem escrito também crônicas e prepara um segundo livro, possivelmente, nas duas categorias, por onde transita sem distinção.

# ACREDITE. SE QUISER.

Vamos em frente, sem enfrentamentos.

Vamos adiante sem adiamentos.

Caminhando a passos lentos.

Descobrimos os melhores unguentos.

Carinho online neste momento.

Para nosso contentamento.

Nada será como antigamente.

Nem no coração, nem na mente.

Vivemos agora este instante.

Sabendo que nada será constante.

Quem seremos daqui em diante?

Muita calma neste instante.

Renovação planetária.

Muita gente refratária.

Atenção ao seu intento.

De fofocas fica isento

Nada nada de queixa.

Para não sair do eixo.

Seu coração saberá o rumo.

Para deixar você no prumo.

Gratidão será a palavra.

Na certidão que se lavra.

Amor e renascimento.

Será o melhor alimento.

# FOLHA EM BRANCO

A folha de papel em branco desafia o escritor que  
desfia novelos de palavras em torno de si.  
O desencanto parece uma folha de papel em branco  
em desafio constante daquilo que não encontro.  
No encontro contigo desenrolo fios negros  
que se tornam brancos e colorem o caminho que sigo.  
Sigo desvendando,  
desvelando,  
desafiando,  
desenrolando,  
reconstruindo,  
redesenhando,  
reescrevendo o que me pede o papel em branco.  
O papel em branco me paralisa ou me atíça.  
O papel em branco me chama e posso nele me  
deleitar.  
O papel em branco me faz delirar.  
Ah! O papel em branco...  
Histórias inéditas!  
Ditas ou não ditas.  
Talvez malditas,  
Talvez benditas!  
Faço-me e me desfaço,  
na alvura do papel em branco.

# ALEXANDRE CAYÊRAS



Nascido na cidade de São Vicente, em São Paulo, Alexandre Cayêras é ator, poeta, dramaturgo e artista visual. Iniciou sua jornada artística aos 15 anos, quando já era residente no estado de Sergipe. Suas poesias tendem a tratar da angústia humana, diante de seus conflitos internos. Temas como a comunicação e a linguagem, a eminência da morte, a natureza das paixões e os infortúnios das relações líquidas da modernidade. Inspirado em artistas de diversas correntes literárias, como Fernando Pessoa, Paulo Leminski, Walt Withman, E. E. Cummings, Mário Quintana, dentre outros, o poeta Alexandre, busca decifrar tais angústias por meio de versos subjetivos, mas com a simplicidade que cabe aos jovens imersos em uma ausência de fluidez na comunicação. Com isso, sua intenção é fazer com que suas palavras cheguem até os olhos mais apressados.

# NÃO SE DEMORE

Traz-me um trago  
De tudo aquilo  
Que causa estrago.  
Que revela tudo,  
Que move o mundo,  
Por outro alguém.

Há uma certa urgência  
De vir à galopes  
Acariciar carência.  
Colher com a mão  
O próprio coração.

Não se pode esperar  
Que chegue a manhã.  
Tem que se entregar.  
Dá-me tudo hoje,  
É isso que nos move.

Injeta-me tua dor.  
Prometo tudo que puder  
Para lhe ter amor.  
Serão tuas minhas horas,  
O instante infinito, o agora.

Tem que navegar.

As correntezas de nós dois  
Acenam para o abismo.  
Desejo-te às pressas  
Anseio-te às avessas.

Mata a minha sede.  
Devora-me em teu mar.  
É o meu vazio que lhe pede:  
Seja tudo que me faz,  
Destrua toda a minha paz.

Se não vens, morrerrei.  
A sorte agoniza a urgência.  
Sem nós, nada serei.  
Amar é um vício,  
Seja objeto, ou mero indício.

# A DAMA SÚBITA

Pensar a morte não  
Traz paz ao coração  
A morte é o limite  
Do pulsar quase mudo  
Do tempo absurdo  
Que insiste, e insiste...

Quando morte chega,  
Com sua visão cega,  
Não tende a escolher  
Não tende a dividir  
Em categorias a existir  
Vem, pronta, para colher.

Assim, a morte aprecia  
Com vívida agonia  
As várias sombras humanas:  
- Há homens que são flores,  
Há flores que são cores.  
- Morte mundana.

Olha o abismo profundo  
E seu rastejar imundo  
Para dentro de si:  
- Há homens que são nada,

Arfando sobre as escadas.  
- Morre, procurando o fim.

Pensar a morte não  
Traz resposta ao coração  
A morte é sempre dúvida.  
Não há destino comprovado,  
Sem sentido determinado.  
- Morte: a Dama Súbita.



# ALMIR ZARFEG



Também conhecido como A. Zarfeg ou simplesmente AZ - é um poeta e jornalista radicado em Teixeira de Freitas/BA. Iniciou-se na literatura em 1991 com o livro de poemas "Água Preta", atualmente na 4ª edição. Depois publicou mais livros de poemas, crônicas, contos, novela, infantojuvenil e reportagem. Em 2017, foi homenageado pela União Baiana de Escritores (UBESC) com o título de "Personalidade de Importância Cultural". Em 2018, recebeu o "Primeiro Prêmio Absoluto" pela obra poética inédita "A Nuvem", concedido pela Accademia Internazionale Il Convivio. A convite da Lura Editorial, organizou o livro de poemas "Nós - poesias para tardes ensolaradas", lançado durante a XIX Bienal Internacional do Livro do Rio. Assim se define no poema "Origem": "Não tenho dívidas,/ tenho divisa: /nunca ser rei, /mas rio". Em tempo: Os dois poemas acima foram extraídos do livro inédito "POEMIA - poemas sob efeito da pandemia!"

# OS DEZ MANDAMENTOS NOS TEMPOS DO CORONAVÍRUS

I

Nunca rejeitar o pobre Jesus!

II

Jejuar com fome de transcendência!

III

Jamais rimar Jesus com Coronavírus!

IV

Ficar de joelhos ou de quatro nos momentos de paixão ou compaixão, respectivamente!

VI

Nunca dizer o nome do Senhor em vão, senão numa jaculatória!

VI

Amar Jesus até o fim dos tempos (santos ou feriadados) e modos (frios ou quentes)!

VII

Tê-Lo como divisor de águas pretas: Cristo e anti-Cristo!

VIII

Jamais economizar nos ai-jesus!

IX

Cuidar cristãmente da partida de xadrez e da partida pro além!

X

Jurar ficar em casa nesta e nas quarentenas vindouras!

# ABUSE, PERO NO MUCHO

Finais felizes são comigo mesmo

Poesia é epifania:

Intuir de noite e de dia

Recomendação:

Use a qualquer hora

Contraindicação:

Não abuse da dose

Muita atenção:

Este veneno mata!

Paulo Paes

Descansa em paz!

Poe (pobre rapaz):

"Nunca mais!"

Do risco-vício

Prazer ao precipício.

Poesia é alquimia:

Criar de noite e de dia

Os infelizes deixo com Tolstói

# ANA AMOR SANTOS



Nascida em Tomar, Portugal, depressa toma o gosto pelas palavras e pelas histórias que podia fazer com elas. Ao mesmo tempo, o interesse que sempre nutriu pelo passado leva-a para Coimbra, onde se licencia em Arqueologia/Estudos Clássicos. Em 2018, explorando a paixão pela língua inglesa, parte para o sudoeste da China, trabalhando como professora junto à crianças de quatro anos. Voltada a Coimbra, termina em 2020 o mestrado de Arqueologia e Território que havia interrompido e inicia, no mesmo ano, atividade profissional como arqueóloga no país. As palavras, essas, nunca as deixou. Por exemplo, em 2017 vê o seu primeiro artigo ser publicado na plataforma P3 do Jornal Público. Nos primeiros meses da pandemia, em 2020, decide que era tempo de seus poemas sem-abrigo serem lidos por outros olhos e cria um Instagram poético intitulado "Comigo(com)verso", onde partilha as suas palavras até hoje.

## I

regressa a mim  
antes que o tempo queira roubar  
o que se fincou no chão

vem para aqui  
onde o tempo adormeceu  
ao colo das nossas raízes

regressa a mim  
não vá o tempo lembrar-se  
que não estás aqui

## II

sinto-me  
a puxar as amarras do tempo outra vez

quero ficar assim,  
a travar o tempo  
mas ele  
escorre  
entre dedos  
pinga-me  
os pés descalços  
calcanhares cravados  
no chão

# ANA ELIAS



Abacateira, artista intervencionista. Dançarina, escritora , poeta marginal, artista visual, instrumentista e contadora de histórias. Começou sua trajetória em meados 2017. Possui formação no Curso de Artes livres pelo CICALT Valores de Minas , atualmente é integrante de dois grupos de dança; Cultura do guetto e FusiONBASE . Uma de suas principais fontes de renda é através do ZINE de cordel ,onde expõe seus textos , poemas e desenhos pela Grande BH . Já Dirigiu , coreografou e apresentou intervenções, performances e apresentações artísticas em festivais como ; Virada Cultural- Belo Horizonte 2019 ; Festival DásVéia- Rio Acima 2019; Palco Hip Hop -Belo Horizonte 2017, 2018, 2019, 2020; Sarau Subindo no Palco- Rio Acima 2019 e Sarau Primavera Literária - Belo Horizonte 2019.

# RENASCENÇA

Hoje eu me despeço,  
E peço um pouco mais de descaso,  
Pois o acaso tem mirado muito em mim  
Pra ser só coincidência

Hoje eu me despeço,  
E peço que cancele o presságio,  
Pois a pressa já foi meu prenúncio  
E depois que chutei a porta , a janela  
Meu presente é vento bruto

Nesse cômputo estupor cansado  
Nessa nova fadiga,  
Nasce a minha criança  
Infância mansa ?  
E a manta que me sutenta  
Já não tem mais a candura,  
O gosto da rapadura  
Tem trago a dureza de um peso ósseo  
As dores das minhas ataduras  
Já não são mais feitas pela pândega inocência  
E com essa alma cansada e infantil,  
Perfomo nas ruas meu medo viril,  
Me formo vontade,  
De nuanças em anil



# APELO

O apelo apela apego,  
O apego afeta afeto  
Afeto feito apreço,  
Apreço sem preço de afago  
Afagoafogado de afoito  
Afoitofustigado de saudade  
O amor é a comida do âmago  
(Quanta Fome!)

# ANDRÉ GALVÃO



Mestre em Literatura (UEFS) e Doutor em Ciências da Educação (Universidade do Minho). Autor dos livros de poemas *A Travessia das Eras* (Penalux, 2018) e *Depois do Sonho* (Penalux, 2020), *Ansiedades - Relatos poéticos de incompletude* (Starling, 2021) e do livro *O Coronelismo na Literatura: Espaços de Poder* (UFRB, 2018). Coautor do livro *Redescobrir-se: poesias de fim de século* (Selo Editorial Letras da Bahia, 1998) e do livro *Crítico Intrépido! Filósofo Tímido? Sílvio Romero e o ensino secundário de Filosofia no Brasil* (CRV, 2018). Participou de antologias literárias no Brasil e em Portugal. Membro da Associação Nacional de Escritores, da Academia Independente de Letras e da Academia Internacional de Literatura Brasileira.

# SOBRE(A)VIDA

Tão densa a vida...  
Porém,  
tão etérea  
quanto a nuvem  
fantasiada de algodão

Pois!

O início e o fim  
estão sempre mais próximos  
do que imaginamos.

# TEMPO DE ESPASMOS

Hoje me peguei  
sentindo falta do tempo  
em que o normal  
era reclamar do tempo  
de tanta coisa por fazer

Hoje o óbvio faz falta,  
rolamos a dívida do existir  
esperançosos de êxitos primários  
que redimam nosso futuro  
a devolver o nosso passado

E o que nos espera  
atrás da próxima lombada  
que a estrada enterra em nossa visão?  
O sonho desfeito, a gargalhada presa  
ou o espelho sentenciando nossa derrota?

Não sei, não sei.  
Apenas espero que a chuva dê trégua,  
e que as nuvens pintem novos mosaicos  
para além desse fugaz presente,  
obscuro e manchado de espasmos,  
com o qual não sabemos lidar.

# ANDRÉ LOPES PEREIRA



Nascido na cidade da Guarda, Portugal, André tem partilhado a sua vida entre a cidade mais alta e a cidade da Saudade. Frequentou a Escola Secundária Afonso de Albuquerque, onde concluiu o curso de Línguas e Humanidades, aprofundando o seu interesse pela História como disciplina e ciência, em decorrência, matriculou-se na Licenciatura em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 2017 vê o seu primeiro poema a ser publicado no boletim mensal "A mão de Safo", da FLUC. Em 2020, durante a pandemia, assiste à publicação do seu segundo poema, desta vez por parte da revista lançada para celebrar os 20 anos da NEFLUC, no Jornal Hermes. Em Março de 2021 cria uma página no Instagram, "nada e(côa)", onde partilha os seus poemas e outros assuntos. É ateu convicto, defensor acérrimo da democracia, dos Direitos Humanos e apaixonado pela poesia, pela escrita, pela Arqueologia e pela sua Ana.

# FLORES DO TEMPO

As flores de ontem são cores  
do vento,  
das amarras e do medo  
de estar sem ser,  
de não poder,  
do poder.

As cores de hoje são sombras  
do tempo.

# SER PÓ

sabes ser pó  
do mais pequeno grão de areia  
às grandes nuvens

e voltas sempre à tua forma  
de carne e água  
de sangue e veias  
que são molduras do momento  
que amamos renitentemente  
em ondas nossas

se voltares a ser pó  
largo tudo e sou poeira

# ANTÔNIO MARCOS FOUREAUX COSTA



Possui algumas poesias publicadas pela Chiado em coletâneas, livros publicados pela Atarukas e Chiado. Mineiro, do interior, do interior, do interior, Sul das Minas Gerais, Itanhandu. É graduado em Estudos Sociais e Geografia, pela Unincor, Três Corações/MG - 1998 e em Pedagogia, pela Unijales - 2018; Especialista em Psicopedagogia e Didática Geral pela USC, Bauru, São Paulo - 1999 - 2000; Especialista em Tecnologia da Informação pela UFJF/MG - 2015; Mestre em Ciências da Educação na Universidad Americana, Asunción, PY-2016. (Reconhecido pela UFRJ). Tem larga experiência como professor na Educação Básica, Ensino Médio e algumas universidades, tanto como professor, como em cargos de direção e coordenação. Realiza palestras ligadas a Tecnologia da Informação, Formação do Professor e de Políticas Públicas na Educação.



# DEVANEIO

Das tardes frias e vazias do último instante  
Sem forças, sem vontade de estar  
Abrupto, vultos, vejo poucos ao meu redor

Vista que escurece, corpo que padece,  
Membros que não mais doem  
Deixe-me ir, me vou, por favor  
Devo partir, sem mágoas, sem despedidas

Não me vejo mais, não me sinto aqui,  
Não me pertença, sou vontade de ir  
Já é tarde, pro meu corpo,  
Já me invade o devaneio

Escureceu tudo, o céu, a tarde, o mundo  
Silêncio....

# REENCONTRO

De leve vou ao encontro de mim mesmo  
Sendo somente eu a controlar meu destino  
Soberba e catastrófica é a passagem  
Esperança, mansidão e desatino

Correndo ruas imaginárias entre vales do infinito  
Podendo olhar de súbito o que ficou  
Tropeçando, manco, roto em pó divino  
Me vou, parti com um último suspiro

E o reencontro, parece nada, parece breu e luz  
Na alvorada do vazio amanhece quem?  
Não reconheço as vozes, nada desse além  
Não compreendo ainda essa chegada transitória,  
deve ser o que?

Inesperado, imprevisível, nada versus nada há de ser  
Mas repentinamente tudo abre, escandalosamente,  
Encantado, natural, cheio de energia, um sol  
Clareza que cega, entrega sua mais pura mansidão.

Sem chão, sem céu, apenas luz e escuridão,  
Meio a meio, transparente, resiliente,  
Me vejo sem ver, me sinto sem ter  
Me encontro comigo, sem ser, sendo eu

# ANTÔNIO MIRANDA



Nascido em 1940 no Maranhão. "Tomou um ita no norte e veio pro Rio morar...". Percorreu, como mochileiro, nos anos 60 do século passado. Depois, auto-exilou-se na Venezuela, onde estudou e formou-se em Biblioteconomia. Fez o Mestrado em Library Science na Inglaterra e o doutorado em Ciência da Informação e Letras na USP. Viajou por mais de 40 países do mundo, publicou mais de 50 títulos de livros científicos, de poesia, romance, dentre outros. Mantém, desde 1994, o PORTAL DE POESIA IBERO-AMERICANA - ANTÔNIO MIRANDA, que inclui, até agora, mais de 7.500 poetas.

# PANDEMIA PANDEMÔNIO

Paideuma...  
a humanidade contr  
a natureza:  
terra pródiga ou revoltada  
revolta volta  
— quer e não aceita.

o homem é um devasta dor!  
sem re missão  
— missão impossível  
contra natura  
a briga - o  
e se vingá...  
con viver é im possível.

NÃO HÁ MAIS ESPAÇO PARA TODOS  
— quarentena! amor e ódio  
com finados... a terra dor!

Nem o muro das lament ações  
dis solve o apartheid  
unidos em separado guardando dist  
ânsia  
juntos ... ânsia de vida  
e morte anunciada

—ansiedade  
ou ancianidade sujeitável  
Incrível?: Terra e homem, visíveis  
olho a olho, ver  
melhor, amar elo  
e azul impossível.

Virus!!!!

Quando um cresce  
o outro atrofia.

Viru lento?: coronavírus...

# BENIMAR DE OLIVEIRA BARBOSA



Beny Barbosa é natural de Fortaleza/CE. Graduado em Filosofia e especialista em Avaliação da Escola Pública. Professor da rede pública municipal e militante da área da criança e do adolescente. Desde a adolescência, escreve romances, contos e poemas. Mas somente em 2019 resolveu investir na carreira de escritor, divulgando suas produções. Tem participado de vários eventos ligados à literatura: II Festival de Poesias de Fortaleza, antologias DEVIRES POÉTICOS e BLOODY MARY, XXXI Festival Nacional de Poesias (Academia Rio-Pombense), Revista LITERALIVRE, participação no projeto Besouro (editora SURBURBANA), projeto literário PÍLULAS DE UM NOVO MUNDO e Feira Literária de Assis, dentre outros. É também arte colagista e procura estabelecer uma relação estética entre palavra e imagem.

# GOSTA SUSPENSA

Gota suspensa  
propensa a cair sobre a relva  
por onde os mortos passeiam.

Ela, agarra-se ao substrato  
e eu, à vida.

As suas poucas moléculas  
a mantém dependurada  
como se fossem brincos d` água.

Ela tenta,  
eu insisto.

Ela me vê  
e reflete a minha alma  
dentro de sua minúscula bolha.

Gota suspensa,  
arfa pedindo mais tempo  
e eu, choro, rogando perdão.

Aguço os sentidos  
e escuto o teu grito de socorro  
no momento exato que despencas  
sobre os micróbios.

No lapso entre a vida e a morte  
tento interceptar-te,  
mas deparo-me com o inexorável  
fim de tudo.

Gota suspensa.

Se tu caís,  
apenas desfaz-se.

Vida minha,  
se findas, morro.



# A ESPERA

O relógio desenhado na parede de papel  
trouxe-me de volta à realidade atormentada dos  
desejos.

Eu, com a impaciência de um deus profano,  
prostrei-me diante do impiedoso tempo.

Carros velozes riscavam o asfalto reluzente  
confundindo-se com os cometas sem rota  
que vagavam pelo céu escarlate.

Era o momento exato da real insanidade.

À mesa ilusória de uma sala contígua ao passado,  
deliciei-me com vinhos bucólicos  
servidos em taças de delírio.

Refresquei o meu interior que ardia  
e queimava as cortinas que separavam  
a razão da loucura.

Afastei livros, cadeiras e juras de amor.

Debrucei-me em janelas imaginárias pintadas por  
Picasso  
e, vi, de forma odiosa,

medievais famintos devorarem morangos  
prematuramente amadurecidos.

Os instantes dessa espera seguiram-se  
vagarosamente,  
embalados por uma tormenta sobre o relógio sem  
ponteiros.

Recitei poemas escandinavos em línguas obscuras  
até a tua imagem materializar-se.

Enfim,  
nossos lábios opostos uniram-se no ímpeto de um  
beijo,  
enquanto nos consumíamos sem a dor da finitude.

# BRUNO MICHEL FERRAZ MARGONI



*Michel F.M. - Poeta, escritor, compositor, filósofo e educador. Graduado em Comunicação Social, Educação Física e Filosofia. Especialista em Psicologia aplicada à Educação Física e ao Desporto e Metodologia do Ensino de Arte. Membro do acervo de Literatura em Língua Lusófona da Biblioteca Nacional da França/BnF. Professor Titular de Cargo Efetivo na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Aprovado no Concurso de Mestrado Profissional em Educação Física pela UNESP 2021. Autor de 21 livros publicados.*

# BREVILÍNEA ODISSEIA MONUMENTAL

a vida é o que acontece,  
enquanto a gente se desentende.

passo por ela imponente,  
eu inquilino, ela hospedeira,  
me observa sutil, detalhista.

usufruí,  
me esbaldei quando passava;  
desfrutei,  
ou ao menos apreciei enquanto pulsava.

atrevo-me às marchas  
caudalosas, repletas dos dilemas;

Me vou numa questão de tempos,  
Não restam pios ou arrependimentos,  
Só deixo impressões e poemas.

assim seguimos itinerantes  
nesta trilha imprevista;

ela, bailarina,  
eu, malabarista.

# FADÁRIO SUTIL DA GROSSERIA AGUDA

Nos enfrentamentos do pedante inveterado,  
Sustenta-se apenas um único desejo,  
Inundar o mundo de poesia,  
Num dilúvio de versos catatônicos.

Que toda mediocridade débil,  
Intolerância senil,  
Decrépita miséria psicológica e atitudinal,  
Seja delicadamente trucidada,  
Varrida pela torrente das estrofes.

Repetida realidade reflexa.  
O "novo" e o "novamente" se fundem,  
Se confundem, se desfazem,  
São recursos, gastos, obsoletos, renováveis.

Tudo acontece com tamanha frequência,  
Que somos tomados pela indiferença.  
Talvez tenha chegado o momento, de se importar.

Nada de sublime nos homens.  
A digna elevação humana,  
Benévola e sacra,  
Só pode ser localizada em algumas mulheres  
(Mães, vez por outra).

Todos podem agregar algo a este mundo,  
Mas não espere que o façam.

A grande maioria das pessoas,  
Chegou e partiu sem motivos,  
Continuará chegando e partindo sem motivos  
E pouquíssimos terão algo a acrescentar.

Que abandonemos os ensaios,  
Que tudo se resuma a estreias.

Apenas outro fragmento,  
Desse todo confuso,  
Profuso e sedento.

Traz alívio, conforto, alento.  
E ainda que tímido,  
Voraz.

(como é bom versar,  
com alguém que entende de verso).

Nas Aguadas Aventuras do Homem Mexilhão,  
O Peso do Mundo sobre a Tróclea do Tálus,  
É reduzido, graças ao empuxo.

Ele aconteceu por acaso,  
Deu a mínima pra nada  
E partiu sem querer.  
A Arte é um apetrecho mordedor,

Desejando mastigar todas as Gominhas do bairro.

Imponente e rijo, invertebrado, maleável,  
Limpo ou sujo, pomposo, eretificado;  
Nunca digerindo refeições,  
Insatisfeito consigo,  
Sempre cuspiendo em ninguém.

O simplório não nos pertence.  
Não me nutri de meias tigelas,  
Não somos proferidores de meias palavras;

Me coloco em pleno corpo;  
Nosso corpóreo verso, sorve; composto,  
Pretensão, denso e condensado.

Osteoblastos e Osteoclastos,  
Laborando por entre as Lacunas de Howship.

Não me oponho ao que sou,  
Quando escrevo me imponho,  
Sou o que há de pior em mim,  
Somos o que há de vil em nós.

Reconhecendo que não há condição outra,  
A não ser o excesso e a exceção de sermos melhores.  
À parte disso tudo,

Talvez tenha chegado, de fato, o momento,  
Para se importar.

# BRUNNO VIANNA DE ANDRADE



Natural do Rio de Janeiro, é historiador, com especialização em História e Cultura da América Latina, prosador, poeta e dramaturgo. Venceu o Concurso Literário Machado de Assis (2008), o Concurso de PoEsIa InStAnTâNeA do Sarau do Bar (2016) e o VIII Concurso Internacional La Vida Es Poesía (2016). Foi um dos selecionados no Prêmio Devair Fiorotti de Literatura, da Universidade Federal de Roraima, tendo participado do projeto Literatura de Circunstâncias (2020). Foi finalista do I Concurso de Crônicas Cariocas (2008), ganhou menção honrosa no Concurso Internacional Palabras en el agua (2016), participou de projetos como Poesia Doce Poesia, do município de Salvador (2017) e Estado Poético, do governo do Estado do Rio de Janeiro (2020). Publicou três livros de forma independente.



# DESTINOS DE TATUAGENS

Não entendo essa língua dos poemas  
Ausente de eternidades  
E de vozes pequenas  
Em destinos de tatuagens  
Não entendo o papel findouro  
Tampouco, o ponto final.  
Não entendo o lugar que ocupo  
Se é opaco ou estrela  
Talvez seja a estrela-sol, soluto meu  
Em estado de contradição  
Poluição pelas arestas dos mistérios  
Que alcançam na memória  
Palavras de ocasião  
Por acaso, sem saber o que são  
Da mesma forma que vieram  
Elas se vão  
E criam âncoras na cor do coração.

# CARLOTA DE BARROS



Carlota de Barros Fermino Areal Alves nasceu em Cabo Verde, ilha do Fogo. Licenciou-se em Filologia Germânica na Universidade de Lisboa. Foi professora em Cabo Verde e Portugal. Tem publicado em poesia: *A Ternura da Água*, *A Minha Alma Corre em Silêncio*, *Sonho Sonhado*. Editados pelo INL e *Na Pedra do Tempo*, editado pela Artiletra. Publicou 3 livros em prosa, o romance, *Luna - A Noite de Todos os Dias*, *Os Lírios da Memória*, *Contos*, editados pela Fénix e em Outubro de 2020, *Sol de Infância - Memórias das macias manhãs solares*, editado pela Rosa de Porcelana. É membro da Sociedade Portuguesa de Autores (SPA), da Sociedade Caboverdiana de Autores, (SOCA), da Academia Cabovediana de Letras (ACL) e do Círculo de Escritores Moçambicanos Diáspora (CEMD) que a premiou no Festival Literário *Grito da Mulher*, 2019. Colabora em várias Revistas Culturais e tem publicado em várias Antologias de Poesia.

# NOS LABIRINTOS DA DOR

Mãe

A menina que existe em mim  
soluça perdida nos labirintos da dor

Mãe

suas lágrimas escurecem  
o rosto brilhante das estrelas

Pai

a menina chora de dor pelas vítimas do Corona Vírus  
pelos que vivem esperando a morte  
sem uma mão segurando a sua

Mãe

a menina chora pelos doentes deprimidos  
sem forças para aceitar viver na solidão  
sem um doce beijo de amor

Mãe

a menina chama por ti chorando tristemente  
e na sua dor tão sentida anseia o teu doce regaço

Pai

a menina clama por novos ventos de esperança  
que se ergam novas vozes sem ódio  
brama que o negro possa finalmente respirar

e tenha direito a viver com dignidade

Mãe

a menina na sua dor chama por ti e implora

que os poderosos se verguem

por um novo mundo em harmonia

Pai

a menina chora chamando por ti

na sua dor de nada poder fazer

para salvar os povos em desavença

Mãe

a menina que existe em mim chama por ti

e na sua dor anseia ternamente pelo teu doce regaço

# MEU SONHO

Tanto silêncio!  
E é tão escura a noite  
sem a lua... sem o brilho das estrelas!

Virão dias mais frios  
gelados lentamente enevoados  
ciclones com nomes singulares

A noite foi feita para amar  
dormir tranquilamente e sonhar

Penso no entanto em tanta gente que não dorme  
sem tempo para amar e sonhar  
ou sorrir ternamente para o amor  
porque vive nas trevas  
sofrendo com a cegueira da guerra  
eternamente à espera da paz  
num silêncio longo, cruel, angustiante!

Anoitece e a noite é tão sombria tão fria!  
Pudesse eu enganar a noite nublosa e sonhar  
com o fim das guerras da barbárie das torturas  
da fuga de gente sem terra que os acolha!

Sonhar com o mar desfazendo-se  
ternamente na areia morna  
ou um céu azul com o luar poisando naturalmente nas  
minhas mãos!

Sonhar com um alvorecer róseo, calmo e suave  
Primavera sem lutas nem lutos!

Sonhar com música, vibração de violinos  
surpreendendo amores matinais  
longe de guerras infindáveis!

Sim posso sonhar com róseas madrugadas  
com o branquear-se das nuvens num céu azul  
com a espuma do mar desfazendo-se nos meus pés  
e crianças sorrindo para um futuro sem guerra

Sonhos que amenizem a visão do desespero  
de vidas silênciosas sem paz

A noite foi feita para amar,  
dormir e sonhar com dias primaveris,  
com um belo sorriso tímido  
transparente

Sonhar que escrevo o mais belo poema  
à vida, ao amor  
sem o horror de cabeças degoladas  
sem a sombra negra do vírus mortal  
com o coração fremente  
a que ousou chamar  
luz, carícia, orvalho  
Amor

# CELI MELO GIRÃO



Nasceu em Fortaleza - CE. 59 anos. Enfermeira,  
fotógrafa e poeta.



# MINHA PANDEMIA

Foi tudo muito rápido.  
Parecia insano.  
Entre quatro paredes,  
presa,  
mascarada.  
Um sem fim de lavagem de mãos.  
Uma convulsão de sentimentos  
O medo,  
a angústia,  
a solidão.  
Um mergulho nas dores,  
Um vasculhar nas memórias,  
Um desejo de mar,  
de rua,  
de praça,  
Uma saudade de voar de avião.  
A Impotência diante do caos humano.  
Vai passar?  
Um desejo de fé.

# CESAR L. THEIS



Professor e pesquisador, licenciado em História/Informática. Escritor, fotógrafo amador e cineasta entusiasta, apaixonado por viajar e café, a escrita é sua fiel companheira. Reside atualmente em Guarujá do Sul - SC. Discente no Mestrado em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Possui um blog que leva seu nome: cesatheis.

# TEMPO DE MORTE

O tempo é o desgastar da vida,  
e a vida, instante no tempo.  
Por mais bela a flor, se desfaz,  
e as pétalas voam com o vento.  
Triste se faz o jardineiro solitário,  
vendo seu amor se despedaçar.  
Pois, a vida é apenas instante,  
contido num tic-tac do tempo.  
A vida, é grão de areia solto ao vento.  
Mas, o homem velho ao contar seu tempo,  
percebeu quão pouco é o que lhe resta.  
Pois como a flor também se rebenta.  
Então, conclui, que a vida não existe!  
Pois a morte não se sujeita ao tempo.  
E sem o tempo, não existe o instante,  
E sem o instante nada contém a vida.  
Assim tudo é por princípio fim... Morte!

# DANÇA

Conheço as nuvens negras sobre a cidade  
Já dancei sozinho na chuva pela noite.  
entre muros de concreto à espera do amanhecer.

Não tenho tanto tempo quanto ontem  
o sangue quente escorre dos meus pulsos  
se purificando nas gotas da chuva.  
Gastei as dores da vida que carregava.

Aos que são verdadeiros amigos...

O bilhete guarda a última lágrima,  
enquanto danço sozinho pela noite.  
O sangue se purifica nas gotas de chuva  
O sangue se purifica nas gotas de chuva.

Deitem meu corpo em madeira de pinheiro,  
cubram-no com versos de alheios poemas.  
Toquem o sino da capela ao entardecer!  
Levem as crianças tomar sorvete na praça,  
quem sabe... andar no carrossel do parque.

Então, queimem meu corpo!  
Queimem minha existência!  
A chuva apagará o fogo.  
E saibam, serei paz!  
E saibam, serei paz!

# CLÁUDIO HERMÍNIO



É mineiro de Belo Horizonte/ MG, graduado em Letras pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), com especialização em Língua Portuguesa. Professor, poeta, cronista e membro de diversas Instituições Acadêmicas. Cláudio Hermínio é detentor de vários prêmios literários e participante ativo em diversas antologias no Brasil e no exterior. É autor dos livros *Por um momento* e *O eco das minhas canções*. Em 2018 foi agraciado com o troféu Guimarães Rosa "Personalidades Literárias" em evento promovido pelo Colunista: Eustáquio Félix( Itabira-MG) e em 2020 recebeu o título "Doutor Honoris Causa em Literatura" pelo Centro Sarmathiano de Altos Estudos Filosóficos e Históricos.

# LUCIDEZ

Fiz uma viagem através do tempo,  
E na minha travessia, pude contar os amigos,  
Como quem conta os dedos das mãos.

Toda minha vida cravada nas palmas das mãos,  
Tão nítida como um mapa  
cortado por imensos trilhos.

Pausadamente, olho atento  
todos os meus anseios e desejos,  
E eles me levam a portos sem terras,  
sem mares, sem navios.

Sem pressa de voltar,  
as minhas vestes despediram-se do mundo,  
Mas os meus pensamentos, vagam por todas as  
manhãs perdidas,  
Por todos os dias de minha vida.

Vejo ressurgir em mim,  
a infância perdida no espanto,  
Ao despertar de uma viagem sem volta.

Sinto a sua presença,  
através de uma brisa que toca o meu corpo,  
E se despede de um aceno sem fim.

Que venham as estrelas, a conduzir-me pelos  
caminhos,

A reluzir o meu destino...

Basta de caras e coroas, num vaivém de bem-me-  
quer e malmequer!

Paira agora sobre mim, uma breve esperança,  
Talvez um presságio, do que estará por vir.

# CLEVANE PESSOA



Psicóloga, escritora e poeta. Desde a década de 60; Delegada no Brasil do ICA - Instituto de Cultura Americana (Reg. 5041 UNESCO); Embaixadora pelo Cercle Universel des Ambassadeurs de La Paix - CUAP, de Genebra / Suíça & Orange / França; Membro do IWA - International Writers and Artists Association (EUA) e diversas outras redes e academias literárias com destaque para a Academia Pré-andina de Artes, Cultura Y Heráldica; da Academia Menotti Del Picchia e Dama da Sereníssima Ordem da Lyra de Bronze. É autora de mais de 30 livros, dentre eles: *Asas de água*, *O Sono das Fadas*, *Centauro e Lírios sem Delírios*. Co-autora de *Ad-Infinitum - Flexões sobre a Cultura de Paz e das Antologias Cem poemas, Cem mil Sonhos e Provérbios da Lama*, estas pelo Selo Editorial Starling.



# EXCERTO

Para fugirem do Mal, a Peste Negra, dez jovens buscam as serras, dos quais sete moças e três são rapazes. Esse o miolo do Decameron. O período de isolamento abre leque a narrativas em dez dias, que somarão cem histórias .

\*Fala a jovem de olhos passarinhos, mas enquanto narra, apenas busca o olhar de um jovem poeta carente de afeto, que sente seu apelo e corresponde.

Buscamos abrigo aqui e nossa voz abre- se sem pejo. Sem fingir, nossa narrativa, tendo andado presa numa invisível botelha de cristal dos costumes e educação.

Os feitos e vivências nos distrairão do medo maior: ser alcançados pelo horror da peste negra. E nossos jovens corpos, pedem Vida - e vivem.

Inseri a daminha virgem, pueril e doce, que treme ao falar, abrasando o rosto. Mais sensual, atrai os olhares cúpidos dos três varões, mas seus olhos buscam apenas o jovem bardo. Num frisson, ele acolhe essa escolha silenciosa. O olhar escorrega-lhe corpo abaixo, abrasando-o. Ela conta sobre um monje que visitava uma freirinha, conhecendo-a no bíblico sentido.

As orelhas de todos parecem asas róseas ao lume das velas. Essa narrativa, é de longe a mais picante, pois na firma de contar detalhes, a quase menina deixa tudo mais pecaminoso. Perceberia ou não o erotismo de seus dizeres? Ela continua, com a ponta da língua de vez em quando assinando os lábios; \_ O calor da freirinha descia célere... Todo o seu ser se incendiava. O coração cavalgando, mudou de lugar...

O pequeno escrínio que ignorara, agora, pulsátil, não a deixa pensar...

Bem, ao final da história, sem sequer combinarem, a moça e o poeta saem do recinto abraçados. E do que ocorreu, nos resta imaginar... Mais tarde ela escreve ao amado, celebrando a novidade de tornarem-se um só...

# DÁBATA MEDEIROS FERNANDES



27 anos, moradora da Zona Metropolitana do RJ. Formada em Administração, Fotografia e Parapsicologia; Investiu também em cursos de idioma estrangeiro e empreendedorismo. Filha e neta de escritores, teve a oportunidade de trabalhar como colunista do Jornal Local de Maricá por cinco anos ininterruptos; Atualmente administra sua própria firma como Empresária de um comércio varejista, com predominância de produtos alimentícios. Em concomitância com os trâmites burocráticos que uma firma em crescimento exige, segue firme na criação de poemas, inspirada nos clássicos brasileiros, mantendo disciplina na contemporaneidade dos elementos.

# METAMORFOSE PSICÓTICA

Homenagem póstuma da biografia letárgica  
Por missivas lícitas de uma conduta mórbida.  
Data Vênia! Divergências peculiares...  
Considerações finais de um subconsciente;  
Conditio sine qua non para viver a própria morte.

Depressão ansiosa pela solidão particular metamórfica  
Lágrimas de sangue evidenciam meu querer desfalecido  
No interior dos agentes inertes, a melancolia renasce.

Um aborto espontâneo, fúnebre convencional;  
Estereótipo complexo de uma overdose lenta.  
Divina memorial de todos os santos...  
Aqui jaz tenebroso dependente sicário juvenil  
No ilusório controle de tuas vontades incôscias.

Solene visita no sepultamento de teus dias;  
Facínora algoz no engajamento homicida  
Lastima a morte prematura de si mesmo  
Na incumbência de talvez renascer um dia.

# QUARENTENA POÉTICA

Ruborizada, fitei teus olhos negros, translúcidos;  
Roubei de ti o brilho fugaz que me cegava...  
Por um milésimo enxerguei sequer o Narciso.

Mascarada de teus julgos, silencio em miúdos  
As facetas de duas pupilas: Janelas da alma.  
Que aprisionada no isolamento social de teus credos  
Repouso na quarentena labutária de novos conceitos.

Disseminada aos quatro ventos rosáceos  
Democráticas aglomerações virtuais se fundem;  
Contaminação virótica de outros talentos  
Em plena pandemia, um novo estilo de vida.

Contagiante surto em transmissão comunitária;  
Meros assintomáticos, em caso suspeito: paciente zero.  
Pela triagem do grupo de risco, uma proposta inegável!  
Indução de auto isolamento em estado de calamidade  
Na propagação sustentável de calorosos abraços.

Lágrimas medicinais choram a soluçar a cura próxima,  
Competências de outros ramos trabalham juntas  
No esforço árduo de dar à luz  
ao Novo Olhar espiritual.

Nossas realidades nunca mais serão urgências;  
Uma nova filosofia renascerá em nossas orações.  
Condenação perpétua de modificar nossos egos...  
A gozar do desfrute de novas e ternas emanações  
No deleite puro de outras breves permanências.

# DALVA SILVEIRA



Natural de Belo Horizonte/MG. Possui Graduação em História pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Especialização em Ensino Técnico pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG, Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. É servidora no CEFET/MG, atuando na área de Biblioteca e foi professora da Rede Particular de Ensino de Belo Horizonte por 15 anos. É pesquisadora e palestrante, atuando principalmente nos temas: Ditadura Militar e Cultura, Geraldo Vandré e Imprensa Alternativa da década de 1970. É autora de *Geraldo Vandré: a vida não se resume em festivais* (Fino Traço, 2011) e *De Realidade a Caros Amigos: a Turma do Ex-, imprensa alternativa e seu legado* (Letramento, 2018). Além disso, tem vários artigos, livros em coautoria e poemas publicados em diversas coletâneas.

# VÍRUS, VIDRAÇA E VÔO

Intransponível vidraça,  
sem graça...  
Havia flores amarelas  
E entre elas, coloridas  
tentavam enfeitar a vida,  
que jazia pintada de cinza,  
vazia, sofrida...

Casa, asa...  
tudo passa...  
Passou um passarinho,  
procurando um ninho...  
um cantar divino! Hino!  
Qual será o seu  
e o meu destino?

Querem-me flor enraizada?  
Passarinho silenciado e sem tino?  
Eu gosto é de viajar!  
Eu gosto de escolher: voar!  
Veio um vírus  
e a vida virou  
O que virá?



# CORONAVÍRUS E INCÓGNITAS

Surge um vírus!  
E vira o mundo  
de cabeça para baixo.  
Acho, não acredito!  
Então, medito...  
Refliço...

Fito um argumento fixo, extremo:  
risco de morte!  
O cessar do bem supremo!  
Temo! E sob o medo,  
medonhas leis se impõem!  
Então, sem chão, tremo...

Sou simples mortal!  
Pessoa do povo,  
E me sinto num ovo!  
E como morto-vivo,  
sinto saudades dos abraços,  
e até dos amassos  
nos coletivos,  
quando todos respiravam sem temor,  
num tempo antes do terror!

Sinto-me em ditadura!  
numa dura indeCISÃO!  
Se saio fico doente,  
se fico, doente então...  
Assim a internet avança...  
e a quase todos alcança!

Quanto horror!  
O que me resta?  
Cuidar-me frente à incógnita,  
Conheço muita gente inóspita,  
que sem bombas,  
sem armas,  
sem grandes gastos  
e com muito lucro,  
arma, mata e desconhece o luto!

Tudo está no ar...  
Existiram duas guerras mundiais...  
E tantos outros ais...  
Ah! porque duvidar?  
Os estragos e prantos são tantos...  
que prefiro não contar...

No momento,  
Estou levada pelo vento, perdida,  
não vejo uma saída  
e não posso sair!  
Sigo, secando a ferida,  
partida e temendo o partir...

# DANIEL DE CULLA



Escritor, poeta, pintor e fotógrafo. Membro da Collegiate Association of Spanish Writers, International Caucus of Terrestrial Writers, Poets of the World, International Authors (IA), Art of Surrealism, Friends of the Blake Society. International Network of Writers for the Earth, e outros. Diretor da Gallo Tricolor Review e Robespierre Review. Últimos livros publicados, 2021: DOIS ASTERÓIDES STORMED; SNIFF POESIA e MINHA NOIVA DE 320 QUILOS

# ELOGIO DA MUSA

Para você Musa, para você e eu  
Poetas e Poetas que somos na Terra  
Escritores por excelência  
Em essência, poder e presença  
Com Poetas do Mundo  
Sociedade Venezuelana de Arte Internacional (SVAI)  
Uniletras (Nações Unidas de Letras)  
Grupo Poético Elogio del Rebusno Burgos-Madrid  
E outros que estão por trás de Pablo Neruda  
Por Isla Negra, umacidade na comuna de El Quisco  
Naregião de Valparaíso (Chile)  
Eu dedico este Poema.  
Eu elogio a todos, colegas  
Sabendo que os Poetas e Poetas  
Nós não fazemos milagres  
Por mais que tentemos.  
Nem versos retóricos nem poemas lisonjeiros  
Eles tornam o ser humano melhor  
Inocente desde o nascimento, mas kaffir para o  
resto da vida.  
Quem melhor que o ser humano  
Ele conheceu e sabe como predar, violar, assassinar?  
Não os grandes poetas da Babilônia  
Nem os da Arábia nem da Pérsia  
Não aqueles da Grécia, Roma, Ásia  
E todos os seus imitadores dos quatro continentes  
Ele sabe como subjugar toda aquela multidão

De pessoas muito facultativas e muito experientes  
Em crimes, roubos e humildade.  
Mesmo, especialmente, todo aquele monte de coroas  
Cassocks, gurus, buddhas, murabís e murabás  
Que o seu bem só seja fundado  
Em enganar e alucinar o povo.  
Mais, o bom é que somos a inveja de todos  
Porque em Poesia e Coração ninguém nos bate.  
Essa glória que temos, graças a você, Musa!

# GATO LAMERON

Gato se chama meu amigo  
E não é que eu sou madrilenho  
Bem, aqueles de Madrid chamam de "Gatos"  
Bem, nos tempos antigos  
Era uma cidade chamada "Gatil"  
Pelo número de gatos que viviam nela.  
-Valeu a pena ver a quantidade de gatos  
Que foram colocados na sua frente  
No meio das ruas e estradas  
A Bruxa Curuja disse.  
Meu amigo gato me disse  
O que ela diz para sua amiga Pura  
Quando eles vão fazer sexo:  
-Putá virgem pura divina  
Esse seu divino Chumino  
Ilumine meu entendimento  
Para que minha língua se refira ao milagra  
De seus orgasmos não fingidos.  
Sua urina fica turva  
E sua menstruação também  
Mais sobre seus lábios grandes e pequenos  
Clitóris muito bem nascido  
E dos padres amados e amados  
Eu, como um cavalheiro cristão  
Honesto e prudente  
Vou derramar o licor de ervas "Sierra del Oso"  
Do Vale de Liébana-Picos de Europa, Cantabria  
Ou licor "Tizona del Cid"

Feito por monges trapistas  
De San Pedro de Cardeña, Burgos  
Ou licor verde "Chartreuse"  
Feito pelos cartuxos  
Da Cartuja de Miraflores, Burgos  
Ou "Jägermeister" verde  
Fabricado na cidade de Wolfenbüttel  
Baixa Saxônia, Alemanha  
Então, quando minha língua perseguidora  
E meus lábios rigorosos  
Eles te deixam cego de prazer  
E, para mim, tão animado  
Isso me faz pegar e provar essas frutas  
Que sua montagem de Vênus  
E sua barriga, atrás e na frente  
Isso é um paraíso para ver  
Eles me oferecem e se abrem  
Sem ter que usar uma faca de frutas.  
-Você não conhece Cat  
Como me sinto bem  
Quando Pura me diz:  
-Ei, Cat, seu passarinho pode entrar ou sair à vontade  
Como o maçarico, o rouxinol  
A rola, o viva e o melro.  
-Você é um crack, amigo Gato  
Vale a pena saber  
Inveja de mayores e caciques  
Que dizem:  
-Olha, se meu servo não lavra  
Eu também não lavrarei.

# DANIELE PEREIRA



Daniele Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura da rede estadual da Paraíba, Graduada em Letras pela UFCG, Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela UCAM. Autora dos Livros: Perfil, (Clube de Autores 2020) em parceria com Nilson Rutizat; No Fechar dos Olhos, (Livraria Book 2). É apaixonada pela literatura e fascinada por livros.



# TEMPO, SENHOR DA RAZÃO

A vida é um jogo,  
Um jogo de ganhar e perder.  
Ganha quem sabe viver,  
Perde aquele que não entende,  
Que o tempo é o senhor da razão  
E que nós não mandamos nele.  
Não há como recuperar,  
O tempo que foi perdido.  
A vida é breve igual chama,  
Que se apaga com o vento soprado.  
Quando se vê já é adulto,  
Sem menos perceber já chegou a velhice.  
Relógio corre sem pena:  
Vida e morte, morte e vida,  
Antítese personificada do ser humano.

# DAVI ARAUJO DE OLIVEIRA



20 anos, natural de João Pessoa-PB. Graduando em Licenciatura de Filosofia. Tem como hobbies a escrita criativa e a produção de conteúdo audiovisual para a internet. Pretende ser professor de Filosofia e Filósofo.

# COVARDIA

Pleno século vinte e um  
E parece que não evoluímos  
Tudo que construímos  
Não parece ter sentido algum

Não vejo nenhum avanço humano  
Apenas as máquinas progrediram  
Não há mais pessoas que nos inspiram  
A lutar contra esse mundo insano

Mas também, estamos acomodados  
Vivendo dentro de bolhas  
Na nossa boca há rolhas  
Para nos manter calados

E calados nos permanecemos  
Perdemos todo o ânimo  
Somos nosso próprio antônimo  
E assim pouco a pouco nos desfazemos

Me vejo jogado na cama  
Com o peito envolto de ânsia  
Vendo meu povo ser envenenado em ganância  
E o mundo virando uma desgrama

Está tudo acabando tão depressa  
Sinto que já é tarde  
E essa dor que me arde  
E não cessa

Diria que é saudade  
Diria que é medo  
Devia ter dito mais cedo  
O que sinto de verdade

Hoje me pergunto  
Se a coragem não tivesse faltado  
E tivesse me declarado  
Hoje a gente estaria junto?

No fundo fui covarde  
Tanto quanto aqueles que critico  
E de 'tico em tico'  
Vou me tornando igual eles sem fazer alarde

# DÉBORA NASCIMENTO DE BRITO



Paraense, nascida em Belém do Pará criada em São Paulo/SP, hoje residente em Barcarena/PA. Aos 35 anos, mãe, esposa, profissional, apaixonada pela literatura, ainda não publicou obras, mas é amante da escrita, vivendo as dualidades da vida.

# SIMPLICIDADES

Ai de mim que cada dia choro as lágrimas daqueles que não podem mais chorar.

Ai de mim em pensar que hoje choro eu, amanhã chora você por mim.

A vida é areia que o vento espalha e para onde leva, quem o sabe?

Todos os dias agradeço por ter mais um dia e saber que estas comigo.

E, se me levanto, enfrento a vida como guerreiro que enfrenta sua batalha

Podendo ser a derradeira.

Sopra o sopro divino enquanto houver Seu fôlego e disso vivo, buscando o ar.

Ontem tive em meus braços a semente da minha história, Hoje o vejo dando seus frutos, semeando seus campos.

É bela a vida de quem vive o mínimo de cada vez, Pois é tão rápido que se vai o tempo e cruel que não deixa migalhas para depois.

Olha, amor, aquela mulher ontem mesmo era menina e aquela menina ontem nem havia.

Faço minhas preces para que a vida seja plena, porque o duradouro não existe.

Cada segundo passado, é um segundo que se foi e que perdemos o vigor da juventude.

Oh! Vem amor, faça comigo essa prece,  
faça comigo essa prece.  
Que a vida seja boa e o tempo não se apresse.  
Olha, amor! Aquele rio que ali brindava nossos  
sorrisos se secou  
E agora é um jardim sem beija-flor.  
Não tenha pressa em partir de mim, ama-me.  
Faça deste amor nossa prece pela vida,  
pelo tempo, pela paz.  
Que em nossa semente  
estejam os mais belos frutos,  
Em nossas memórias, os mais doces momentos,  
Em nossa história, os mais fortes exemplos!  
Em nosso destino eu em ti e tu em mim!  
Olha, amor, tudo está ficando escuro,  
o ar se vai, o folego se vai.  
Segura minha mão e ama-me mais uma vez  
loucamente, pois amanhã já não existe mais.  
Toma em ti meu corpo  
e recebe em tua boca minha alma...  
Que a última centelha de calor do meu corpo seja  
tua, como tua foi a vida inteira!  
Ai de você que hoje chora por mim,  
queria secar seu pranto.  
Mas não vou de todo,  
porque de todo fui amor  
e fui você  
e ainda sou.

# DIANA CASTILHO



Libertária inquieta/ anarcofeminista alerta/ artista quase poeta/ deslocada incerta/ desobediente concreta/ indócil, medíocre e direta. Essa é Diana Castilho - Nascida em Leopoldina Minas Gerais em 1978, vive em Belo Horizonte onde se formou em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Minas Gerais. É Doutora em Antropologia pela Universidade de Granada na Espanha. Desenvolveu e desenvolve trabalhos nas artes plásticas, no teatro e em coletivos de intervenção urbana, tendo como pano de fundo o artivismo e o anarcofeminismo como ideais de inspiração. Amante das plantas e das terapias orientais é terapeuta da medicina chinesa especializada no tratamento do feminino. Escreve para si desde sempre e acaba de concluir sua segunda obra. Seu primeiro livro está no forno para ser publicado.



nenhuma sanidade ou fitoterápico  
consegue carregar o sistema nas costas  
menos ainda na alma

**SÃ E SÁLVIA**

come  
caga

na cama, sexo  
como sem carne  
caga o nexo

come, caga  
cama, come  
caga, cama

ama e caga na cama o sexo

**QUARENTENA**

# EDSON ROBERTO FUHRMANN



64 anos, natural de Joaçaba (SC). Jornalista há 37 anos, atuou como repórter, correspondente e editor nos principais veículos de comunicação escrita de Santa Catarina. Compositor, participou de dezenas de festivais de música. É também escritor, tendo dois publicados. Atualmente reside em São Miguel do Oeste (SC), onde é editor do Jornal Imagem. Nas horas vagas se dedica a ministrar curso de redação e publicações de conteúdos na Internet.

# MUNDARÉU

Criaturas penitentes  
Seres fracos e dementes  
Proliferam-se nesta terra  
Espalharam-se nas cidades  
Dedicaram-se às maldades  
E seguem por caminhos desiguais  
Crenças mortas pelo tempo  
Velhos santos em monumentos  
Os tiranos que comandam seus cartéis  
E bordéis

Há ladrões em altas esferas  
Há bandidos nas favelas  
Homens gordos, sorridentes  
Homens magros e doentes  
Rezando aos seus deuses de metal

Matas virgens violentadas  
Animais em debandadas  
Procuram um refúgio  
Nas metrópoles de concreto  
A fumaça do progresso  
Tira lágrimas do neurótico cidadão  
Pelo símbolo de uma cruz  
E em nome de Jesus  
Juntam ouro enganando seus fiéis

Que cruéis  
Mortes súbitas nas calçadas  
Mortes trágicas nas estradas  
Crianças nobres, moças puras  
Crianças pobres, mulheres nuas  
Que enfeitam este alegre mundaréu  
E homens lutam pela terra  
Bichos lutam pela selva  
Poder atômico, superpotências  
Homem biônico, intransigências  
Que explodem este alegre mundaréu

# CONTRASTES

Às doze badaladas fortes da meia-noite  
Por becos e vielas saem os ladrões  
Em esquinas as mulheres fáceis  
Sustentam os seus rufiões  
Exibem os seus corpos flácidos  
Cansados de tantas sanções

Nas mansões os homens de negócios descansam  
Ou se prendem a beber em copos de cristal  
As matronas escondem seu tédio  
Vendo um filme em qualquer canal  
Enquanto exibem joias raras  
Feitas deusas de poder fatal

No Sul o povo se adentra no inferno  
Com seus exércitos de homens cegos e viris  
No Norte ainda se venera  
Um velho homem de rosto feliz  
Que exhibe seus poderes bélicos  
Do átomo, escravos servis

Aqui na terra mãe do povo esperto  
Onde amontoam-se valores venais  
As notícias que nos chegam tarde  
Por rádios, tevês e jornais  
Esbarram-se em verdades cruas  
Que não se revelam jamais

Vai, vai assim nosso mundo  
Em contraste profundo  
Nas favelas restritas  
Nas mansões e mesquitas

# ELAENE SUZETE DE OLIVEIRA PEREIRA



Natural de Morro do Ferro/MG, pseudônimo Preta. Premiações: Festival de Inverno- 2º lugar; Festimatoz - 3º lugar; Festival da Amizade - 1º lugar. Coletâneas: 2009 - Coletânea Poesias e Letras; 2010 - 6º Concurso Poético Cancioneiro Infanto-Juvenil Vol.XV; 2010 - Vozes de Aço; 2010 - I Coletânea Século XXI; 2010 - Poetas Inocentes - Vol. V; 2010- Antologia Ecologia Sobrevivência e Paz; 2010 - Antologia Poemas e Poetas nova Geração; 2012 - 6º Concurso Poético cancioneiro Infanto-juvenil para a linguagem portuguesa Vol. XVI; 2021 - Coletânea Contos Infantis Centenário de Maria Clara Machado; 2021 - Coletânea Minha Poesia da Sorte, possui um blog em seu nome: elaesuzete.



# ESPERE-ME (IREI QUANDO FOR POSSÍVEL)

Fio de esperança à espera de um milagre.  
Quando o vejo no parque!  
O cadarço desamarrado  
Flutuando a cada passo apressado.

Meu sonho fica sombrio  
Fito teu rosto luzidio  
Sinto-me roubada, traída.  
Horas destituídas

O estertor da morte  
Como um passaporte  
Amarga a suprema lição  
Sinto-me vítima de uma inquisição.

Impotência e culpa  
Inconsciente arrumo desculpas  
Nesse dia em sublimação espiritual  
Celebro em termo consensual

Esta angustia solitária da vontade.  
Caminharei na avenida saudade  
A morte como segredo  
Escondida em seu brinquedo.

# QUEM ÉS TU?

Que diviso nas nuvens  
Nos sonhos  
Emanha meus medos.  
Tece meus segredos.  
Na teia do pavor.

Quem és tu?  
Que fez o céu chorar!  
Sentidamente minhas mágoas.  
Quanto mais olhava?  
Encharcava-me de angústia!

Quem és tu?  
Que não se anuncia!  
Covardemente não pronuncia.  
Nem sequer uma palavra  
Antes ou após vir!  
É muito banal que chames morte.

Como uma cruz, entrecorte!

# ELISA DE JESUS



Poeta, escritora, professora da RMBH, atriz da Trupe Estrela. Natural de Ubá/MG, é ativista do Movimento de Sociedade Inclusiva. Co-fundadora da ONG Minas Voluntários. Participou de vários concursos literários, nacionais. é coautora de *A Dupla Fenda: intuição e Liberdade* (Starling, 2016) e *Cartografias do Espírito* (Starling, 2019) e autora de *Violetas Azuis* (Delicatta, 2017). Últimas Antologias: *Provérbios da Lama e Cem Poemas, cem mil sonhos*. Livros em processo de criação: *Subterrânea - poemas*; *80 dias - ensaios breves - romance*; *Flores noturnas - poemas*. No período de 2007 a 2010, atuou como coordenadora e palestrante junto ao Voluntariado Internacional de Desenvolvimento e Educação Social do Brasil - VIDES, organização com assento consultivo junto ao Conselho Econômico e Social /ECOSOC da Organização das Nações Unidas -ONU.

# UMA INVENÇÃO

*Para Rodrigo Starling*

viver o que não basta. cume do nada.  
pretender conhecimentos secretos,  
substâncias das coisas.  
tudo e nada oscilam em vida.  
essa breve história de trinta e oito bilhões de anos  
em uma ficção de qualquer dia inventado  
para o começo dos fins.  
talvez eu queira me afogar no Ganges  
entre vivos e mortos.  
a morte é a revelação da humanidade.  
esquecerei de mim e de todos no sétimo dia.  
ficarei na lembrança ortodoxa das missas.  
comemora-se mais a morte, ela não é imprevisível.  
humana morte, onde está a tua vitória?

## REINOS ARTIFICIAIS

não existe dinheiro, estado,  
apesar da acreditação e da falsa importância  
dos mesmos.

Infelizes, somos...

desgraçados metafóricos.

quem entende de mecânica quântica?

vive-se do débito e do crédito, dinheiro  
inexistente.

prefiro cultivar cidades imaginadas,

acreditar quem em vinte de julho de mil

novecentos e sessenta e nove pisaram na lua e

não voltaram mais, eu só quero crer na

sobrevivência estratégica. ser chamada de poeta,

quase profeta de si.

# EMMANUEL ARRUDA



Emmanuel Conserva de Arruda. Nasceu na Paraíba, em Princesa Isabel, cidade conhecida por sua revolta em 1930 contra o governo estadual. Historiador pela Universidade Federal da Paraíba, desenvolveu pesquisas no período colonial e imperial. Também é escritor, poeta e fotógrafo. Apaixonado pelo sertão e pela cultura nordestina, é um grande incentivador da cultura de sua região. É membro do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista - GPSCNO/UFPB, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros(as) e indígenas - NEABI/IFPB campus Princesa Isabel, da Academia Princesense de Letras e Artes - APLA, da Academia Brasileira de Letras e Artes do Cangaço - ABLAC, e do Conselho Consultivo Alcino Alves Costa - Cariri Cangaço.

# AMPULHETA DE SANGUE

O tempo em espirais  
Leva o pó da esperança  
Com nuvens e vendavais  
Cala o sol com sua dança  
Os dias não voltam mais  
Resta a cal da lembrança

A vida e os caracóis  
Se arrastam em movimento  
As decepções são anzóis  
Cravados no pensamento  
Rasgando os finos lençóis  
Onde dorme cada lamento

És como relógio de areia  
Que se mede na descida  
Medida que não se freia  
Já não pode ser detida  
O sangue desce na veia  
Dessa ampulheta da vida

# EU DEIXEI FLORES

Preste atenção por onde andei  
Mas não veja só minhas dores  
Pois nos lugares em que passei  
Também por lá eu deixei flores

Tive alegrias e tive tristezas  
Mas também muitos amores  
Na porta que não me foi aberta  
Também por lá eu deixei flores

Quando a chuva menos caía  
Secava lágrima e faltava cores  
No pardo deserto que surgia  
Também por lá eu deixei flores

Nas mãos de quem oprimia  
E nos causava tantos horrores  
Na esperança de mudar um dia  
Também por lá eu deixei flores

Onde moram os nossos medos  
Da maldade e seus senhores  
Não há pra que tanto segredo  
Também por lá eu deixei flores



Observa também teu caminho  
Sinta seus dulcíssimos odores  
Pois nele não estavas sozinho  
Também por lá eu deixei flores

# ERIVAN SANTANA



Graduado em Letras, pós-graduado em Linguística, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Professor, escritor e poeta, é membro efetivo da ATL (Academia Teixeiraense de Letras). Recebeu o Prêmio Destaque Poético 2018, pelo livro *Para ler um poema*, que marcou sua estreia oficial na literatura brasileira. É autor também de *Tempos sombrios - instantâneos da realidade*, ambos editados pela PerSe.

# AS HORAS

Um som misterioso enamorava a noite  
Sorrateiramente, chegava junto com  
O vento na janela, querendo pausar o tempo  
Onde cada um tem uma história, ansiando  
Um pedaço de felicidade, tão distante  
Diante da densa sombra noturna  
E do dia, que irrompe trazendo o medo  
Os rostos estão incrédulos, querem outra versão  
Mas a manhã está tão cinzenta, não é primavera  
Outro dia, o contador de histórias trará  
Outra versão, uma ponta de esperança  
Esparsa e perdida em meio ao caos!

# SINAL DE GLÓRIA

Realidade marcada pelo ocaso  
Na manhã sem sol  
Os subterrâneos da consciência  
São incapazes de encontrar  
Uma luz no fim do túnel  
Lá fora, o mendigo janta  
À luz do luar e a natureza celebra  
A vida, em cada flor e lágrimas de chuva  
Insensíveis, dispersos, distantes  
Os homens enterram seus mortos  
Perdidos na mesquinhez de si mesmos  
Sem nem um sinal de glória!

# EXPEDITO GONÇALVES DIAS



Mineiro da zona da mata. Jornalista, Pedagogo e Escritor. Nascido próximo a Cajuri e Viçosa foi criado em Visconde do Rio Branco-MG. Na virada do milênio, bem no Bug, primeiro de janeiro, de madrugada aportou na Terra do ET, Varginha. Mantém a web-radio *Vitrola do ET*, que privilegia a poesia e a boa música. Primeiro, *Versos Inquietos/Na Aba da Lua*, em 2015, pela Scortecci-SP e *Serenas Provocações*, recentemente, pela Cia do E-Book-SP, 2020. É membro atuante da APESUL - Associação dos Poetas e Escritores do Sul de Minas e pede que seja adicionado aos grupos de poesia, dos quais promete participar ativamente.

## O OITAVO DESAFIO

Antes de, neste refúgio, me recolher,  
vaguei, por aí, andei de leste até oeste,  
para baixo e acima, tentando entender  
de que fonte veio essa descomunal peste.

No olho do furacão é bem difícil entender  
as razões do mundo em plena pandemia,  
são inócuos os esforços para retroceder  
no tempo e espaço pra buscar uma outra via.

Normal que houvesse diferenças de classes.  
Alguns jogavam fora o restolho das farras.  
Para outros, nada havia que a fome abrandasse,  
como na história da formiga e da cigarra...

A pandemia não cumpriu a profecia:  
apesar da cigarra também ser atacada,  
a formiga deu um caráter de distopia  
à 'invasão' que no futuro será contada.

Sem conhecer o invasor, difícil a defesa.  
Assim, dentro de uma tresloucada faxina,  
enquanto o plebeu desconfia da realeza,  
o capitalismo esperto provoca a China.

Frágeis, diante da mentira inconsequente,  
propagada por doentios desgovernos,  
os desfavorecidos ganharam de presente  
tamanha crueldade, do céu ou do inferno.

De repente, expulsos para fora deste mundo,  
por que foram escolhidos para o martírio?  
Como sofrem esses eternos pobres moribundos,  
que morrem sem lágrimas, séquito ou círios?

# UMA MISSÃO NO PARAÍSO

Apenas relva fresca adornada de flores,  
serpenteada por diversos regatos mansos:  
tudo encantava e era para os olhos descanso,  
hipnotizados pelas miríades de cores.

Ar puro e muitas quedas d'água burburinha.  
Se sobravam deliciosos, carnudos frutos,  
nem tribulo, urtiga ou espinheiro ali tinha:  
um paraíso dos escolhidos sortudos!

Mas a pandemia nos colocou em sinuca,  
mudou os paradigmas, trocou os roteiros,  
encurtou o tempo, prendeu-nos na arapuca  
e afastou-nos das famílias e companheiros.

A morte nos espreita de tocaia na esquina.  
Se ninguém escapa da iminência da dor,  
busca-se urgente o retocar da auto estima  
e no virtual tentamos reativar o amor.

A máscara caiu para muitos, por fim.  
De outros, precisamos à força, arrancá-la;  
está muito difícil acender o estopim,  
já que ainda não podemos nem sair da sala.



Encontrar a nossa humanidade perdida  
será o maior desafio dessa empreitada.  
Ajustar com calma o *setup* da nova vida,  
tendo o próximo numa norma destacada.

Fugir das visões alienantes desse mundo,  
buscar o prazer nas instâncias interiores,  
criar um pacto com a verdade mais profundo,  
cuidar do jardim do amor e de suas flores.

E por último, voltando ao mundo real,  
redesenhar nossa alegria e toda sorte.  
Tentar assumir cada minuto, afinal,  
celebrando enfim a vitória sobre a morte!

# FELIPE L. CAVALCANTE



Escritor e poeta de Manaus/AM, co-redator do site de notícias de cultura pop *Co-op Geeks* e membro dos podcasts *Estação 21*, *As Baladas de Nárnia* e *Dossiê Snicket*. Autor do conto "Lua, Sangue e Mel" na *Não Morre no Final* de temática LGBTQIA+ e das antologias *Sinos Por Todo Lugar*, *Os Ratos e outras Histórias* e *Noites Sem Fim*.

# REFLEXÃO

Em refúgio ermo e afastado  
Onde aqui tudo sempre flore  
Ficamos todos isolados  
Sós, apenas com nossos olores

Ficamos aqui, matéria bruta  
Pensando em nossa sorte  
A mente, contudo, ainda labuta  
E fica remoendo a morte

Avisto e convido o tinto  
Para minha garganta, explorar a gruta  
E ébrio então nada mais sinto  
A vida minh'alma então desfruta

*Se carpe diem* dizem os letrados  
É, porque os ricos tem essa sorte  
Mas penso nos pobres fadados  
A quem, por fim, só resta a morte

A vida é breve, diz o barqueiro  
Na balsa que todos vamos atravessar  
Ofereço então a mão ao meu irmão  
Pois do outro lado ainda haveremos  
De nos reencontra

# FLÁVIA REDMAN



*Manauara, 34 anos. Turismóloga, especialista em docência da Língua Inglesal, graduanda em Letras - Língua Inglesa, cicloviajante, adepta de viagens de "mochilão", adora escrever poemas e contos sobre a complexidade da vida. Recentemente dirigiu o curta metragem "Inverno Torturador" baseado em seu poema de mesmo título, que trata da temática do abuso sexual. Disponiliza seu Instagram para contato: flavia\_redman.*

# A MORTE NÃO MORRE

Não é só o outro que morre  
A morte é retirar o ar lentamente  
É a dor de uma saudade profunda,  
Ferida aberta verozmente  
É olhar o horizonte cinzento  
A dor da morte nunca morre  
Perfura o peito, abrindo sofrimento...  
Morrer nunca é, em si, solidão ...  
É ser tragado no labirinto obscuro,  
profundo de uma alma  
em agitadas ondas de emoção  
Remédio? Não há!  
Quem deras uma poção mágica!  
Um sopro de vida!  
Um encanto, um luar!  
Quem deras,  
a morte fosse um convidado não recebido  
atrevido, maldito, querendo entrar!  
A morte não morre  
Quem dela poderá escapar?

# AMIGA MORTE

Seja bem vinda, amiga morte  
Há tempos aguardava por ti  
Sentei-me em minha cadeira velha de balanço  
Sentindo essa brisa fria da madrugada pra te esperar

Demoraste tanto, amiga morte!  
Qual o motivo do teu atraso?  
Perdeu o trem das quatro?

Bela, com seu vestido vermelho  
Teus cabelos dourados iluminam a noite  
Cálida...  
Pálida...

Teu encanto, óh morte, me fascina  
Doce menina  
A me banhar no bálsamo do além  
Desse afago que ninguém deseja  
Amiga morte, seja  
O vinho que me embriagada  
Descarada...  
Açoitada...  
Aterrorizada...

Amiga morte  
Vem e me leva!

Talvez no além  
A felicidade me espera

Que é essa felicidade?  
Que também se atrasou  
Me desonrou... Abusou... Despedaçou...

É o fio da navalha cortando o meu pulso  
No zig zag da cadeira de balanço  
Vou chorar meu pranto

E clamar a ti, óh morte amiga!  
Vem! Seja bem vinda!  
Porque eu morri quando já estava morta

# GISELE STARLING



Nascida em 1987, é natural de Belo Horizonte/MG. Poetisa amadora, técnica de enfermagem e graduada em Marketing. Iniciou no mundo da escrita aos 10 anos, escrevendo cartas e diários, processo interrompido pelas circunstâncias da vida. Integra a Antologia "Provérbios da Lama", Starling, 2020, com o poema "A Última Viagem". Segue em busca da essência que anos atrás encontrava em seu coração. Sente ser a hora de intensificar a escrita. É sócia do Selo Editorial Starling onde atua como Coordenadora de Comunicação.



# EVOLUÇÃO

Big Bang, o começo de tudo,  
Eis a origem da terra e da lua,  
Da espécie " homo sapiens" que sabe que nada sabe

Antiguidade, medievo, modernidade e  
contemporaneidade,  
Da guerra, a civilização  
Da antiga, a moderna  
Da cruzada, a peste negra  
Da revolução, a atualidade

Anos, décadas e séculos,  
tudo passa e tudo fica  
Da ciência, a evolução  
em estudos biológicos, eis a nossa destruição  
Pandemia vai, pandemia vem! Eis a questão!  
Queremos é sobreviver!  
Adapte-se ou morra!  
Eis o novo anormal

# HUGO LIMA



Poeta, performer, educador, curador e especialista em artes plásticas e contemporaneidade. Suas pesquisas giram em torno da produção de artistas brasileiros contemporâneos — com publicações recentes sobre as obras de Letícia Parente, Edith Derdyk e Maíra Parula — e das intersecções entre corpo, linguagem e novas mídias. Já se apresentou em diversos eventos culturais. É autor de *Nus*, *Florais & Ping-Pong* (2014), *Corpo dos Afetos* (2015), *Dois Quartos* (2017), pela Crivo Editorial; e de *O Corpo Sublime* (2021), pela editora Urutau; *Repeats&BonusTracks* (2017), pela Coleção Leve1livro; e do livroobjeto *A Linha Pensa* (2017-2019), pela Casa Sana Edições. Seus poemas, ensaios e artigos constam em antologias, revistas e jornais, no Brasil e no exterior. Mora em Belo Horizonte.

# DEZ DIAS E UMA GARRAFA

1.

penélope já não pensa em viagens  
dorme e acorda injuriada com ulisses

pia cheia de louças  
pilhas de roupas  
banheiro por lavar

todas as noites  
faz e desfaz seu mantra:

com quantas mãos  
se tece o amanhã?

2.

não pagará com a própria vida  
ao contrário do que recomendaram em brasília

máscara cobrindo boca e narinas  
álcool em gel, #elenão, #vemvacina

antígona reinventa seus ritos

3.

conexões que caem  
telas que congelam  
falas perdidas

sísifo agora  
rola pedras  
na internet

4.

o que será do teu vinho,  
dionísio,  
sem o balcão dos botecos  
sem o papo com os amigos?

agora, te embriagas sozinho

a adega da tua casa  
é só silêncio e  
melancolia

# O CORAÇÃO É UM REFRÃO

é bruta é bruta  
a batida

o coração bombeia  
o descompasso do tempo

é breve é breve  
a passagem

o corpo num instante  
é vida  
no outro, memória  
tão já, esquecimento

# ISABELLE CONDOR



Jovem escritora, autista, de 18 anos, da Zona Norte do Rio de Janeiro. Desde muito nova, a escrita surgiu como uma forma de se expressar. As palavras escritas quebravam as barreiras da ansiedade social. Com 17 anos foi selecionada para participar de uma coletânea de contos, onde descobriu que a escrita pode ajudá-la a impactar outras pessoas.

# PERFOMISTA

Seus pés bambeavam-se no meio-fio.  
Como se fosse um equilibrista,  
Definia seu destino e chorava seu passado.

Por mais que o caos habitasse  
O centro da cidade.  
Não temia o transtorno  
Que poderia trazer para ali.

Ao som da nona sinfonia da Paulista,  
Sem glamur, dinheiro e nem saúde,  
Dedicou seu espetáculo no alto edifício.

Ao final, só o restou sua pequena gaita  
Que o lembrava de sua vida passada, quando era  
feliz.  
Ao final, o show foi à suas lembranças.  
Pois o show deve continuar.

# ISRAEL FARIA



Escrevo no momento insano/ No momento de espada e de paz.../ Procuo escrever em sobressalto, palavras que faça lavrar linhas/ Semear páginas. pra depois regozijar com as colheitas. De Belo Horizonte/MG, mantém o blog cacos poéticos.



# VOCÊ NA SUA SOLIDEZ, EU NA MINHA SOLITUDE.

Foi muita coincidência  
você perguntar,  
porque estou a fazer  
justamente o oposto  
do que pensa

estou a crer  
que o caminho  
por seguir,  
provisoriamente, diga-se,  
será aquele da contramão,  
contrário aos atalhos  
que a sua sagacidade  
indicava

foi pura coincidência  
você lembrar  
o momento inequívoco  
quanta perspicácia sua;  
logo a frente  
a rotatória  
o ipê amarelo  
já derramou sua última pletora  
viramos a estibordo  
você pisa em geleias de framboesa

e eu só penso em ir pra casa

que coincidência  
preciso conter a hemorragia  
que se deu no meu útero infantilóide  
e que desembestado  
continua derramando  
suas pilhérias sem graça  
seus comentários ridículos  
borra de café com bÍlis  
a prudência passa ao largo

novamente coincide,  
você fica na sua aparente solidez  
e eu vou pra minha solitude.

## **...E, ESCONDENDO, REVELE-SE!**

revele-se, pro quando fores  
pro pretérito imperfeito

revelo-me, pro oportuno  
pro obstante

revele-se, para além de sua distopia imaginária  
para além de sua frágil substância

revelo-me, aquém do julgo alheio  
aquém do figurado discurso

revele-se, no seu iluminismo de lamparina  
no seu altruísmo capenga

revelo-me, no meu evolucionismo retroativo  
no meu infantilismo provocador

revele-se, nas flores carnívoras  
no seu olhar de espinhos

revelo-me, nas agruras eclipsadas do quê poderia  
no oco do mim.

# ÍTALO RAFAEL LIMA DOURADO



De Sobral-Ce. Autor de *Úmido ou Episódios Dramáticos de Utilidade*.

## PANDEMIA (NO CASTELO)

Mais um dia cinza se fez no cinza do horizonte acinzentado. Cinzas de homens e mulheres acordam cedo para ir trabalhar. Degraus frios, chão sujo, janelas entreabertas. O Status foi imobilizado, digitalizado. Devemos amar todo lugar? Deparo-me então com o rosto branco e os dentes amarelados. Sou tomado de assalto pela nova restrição: proibiram-me o gesto: O abraço. Enfim estável? Não, estou na última porta. Leio que tenho de me agrilhoar em casa e isto me é uma ordem excruciante a ser sujeitada, obedecida. Ficaremos em casa: Nada nos entristece mais do que debruçarmo-nos em nós mesmos. Sem fôlego, madrugada. Sou alguém que não se ouve... Então, de mim mesmo, eu me aproximo uma última vez (e não vejo nada). Me inclino na cama, onde estou escrevendo sobre mim mesmo (e não vejo nada) - Não está na alegria de ninguém!? - Não está na alegria de ninguém? Visto-me de desconfiança e timidez. A noite parece tão longa... O medo e a ansiedade, lugares que me envolvem a recordar antigas reuniões antigas e a gravidade dos óbitos me ensinam a enxergar a claridade das coisas valiosas da vida.

# RESERVAS

Sempre a tempo, você os retira  
de perto de mim.

Ficamos em silêncio, o tempo passa e fingimos  
pensar melhor sobre o assunto.

Você as retira, sempre a tempo,  
de perto de mim.

Mãos distantes não dizem nada.

O tempo passa e fingimos aprender com o que nos  
entristece.

# IZABEL CRISTINA OLIVEIRA MARTINS



Paraibana. Professora. Possui Mestrado e Doutorado em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Dedicase ao estudo de obras de autores das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pesquisando principalmente a produção literária de autoria feminina. Tem um livro publicado: "Pelas sendas do feminino: diáspora e exílio nas literaturas africanas de língua portuguesa", resultado de sua pesquisa desenvolvida no Doutorado. É amante da literatura. Adora livros e, nos momentos de devaneios, escreve poesias.

# MEIO-LUZ

Meio-dia  
No espaldar do banco da praça  
Lado a lado  
Passarinhos parecem prosear

Em suas conversas cantam amores?  
Ou revelam as dores?  
Falam como nós dos filhos perdidos?  
Dos encontros proibidos?  
Da fome que há?  
Do ente querido que esperam voltar?

Me arrancam decerto  
Da escuridão que me envolve  
Me fazem esquecer  
Da dor que revolve  
A terra que é minha  
E não sei controlar

Perdida em devaneios  
Esqueço por um instante  
A peste que mata

Me liberto dos arreios  
Do sofrimento pujante  
Da angústia que arrebatava



Partem em bando...  
Que pena! Não houve sequer anunciação!  
Levam com eles meu momento meio-luz  
Retorno, melancólica, para a ilha da imprecisão.

# LABIRINTO DE MIM

entre as minhas paredes me perco  
vagueio confusa entre entradas e saídas múltiplas  
corro do minotauro que nutri  
ariadne, por favor, me tira desse cerco  
me empresta o fio  
em desespero, suplico  
ela não me ouve. estou só  
me aventuro, retomo o desafio  
procurando a saída  
no percurso, noto  
encaixes desordenados em minhas estruturas  
novo pânico, nova recaída  
me afugentam do plano inicial  
as lembranças das situações vividas  
e não compreendidas  
desnorte total  
eu, labirinto de mim.

# JACKSON ABACATU



Artista plástico, cineasta e músico, formado em Cinema de Animação e Escultura na Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Já realizou dezenas de curtas e videoclipes, que já foram exibidos em diversos países, como Argentina, Colômbia, Canadá, Itália e Armênia. Lançou dois álbuns como artista solo: "Trilhas sonoras de filmes quiméricos (2018)" e "Abstract Works (2019)." Diretor da produtora audiovisual Etama Produções. Vice-presidente do Centro Mineiro de Voluntariado Transformador - Minas Voluntários. Parceiro de Rodrigo Starling na JAWRS Consultores.

# HUMANA IDADE

Por que brindas à desumanidade?  
Por que divides a vida em dívidas?  
Por que tens  
Ódio ao amor?  
Ode ao amor  
Esta sim me bastaria  
Não nestas linhas, mas na vida  
O amor urge  
Ruge  
Surge  
Aqui, ali  
Assim como a morte, que espreita a vida  
Erguida  
Anda quase de mãos dadas com o amor  
Porém, refém  
De seu ciclo  
Desde que nascemos, morremos  
Desde que amamos, vivemos  
Vivendo além dos próprios muros  
Deixando as pestes no refúgio dos homens  
A levar seus ataúdes cada vez mais cheios  
Doenças da miséria humana  
Dores da improbidade humana  
Trazendo honra sem lágrimas  
Amai as lágrimas, convivei com as dores

Amai a terra, convivei com os seres  
Humanos e desumanos  
Amai a vida, convivei com os ciclos  
Parte do processo de ser e estar  
Viver e sentir  
Amar e doar  
Amor e dor, se não sentir, lamento  
Quais as dores de seu tempo?

# JOANA SANTOS SILVA



Nasceu em Cascais, em 1987, e lançou o seu primeiro livro de poesia "Oníria", em 2017 e no ano seguinte "Chronus". Estudou *Gestão Turística e Hoteleira*, no Instituto Superior Politécnico Internacional de Lisboa e aprofundou a sua formação em *Leadership and Management* durante os três anos que viveu na Escócia, país para onde partiu em busca de novos desafios na sua área e de onde regressou em 2015, movida pela palavra unicamente portuguesa: saudade. Trabalha em turismo, mas sempre teve uma grande paixão pela escrita, principalmente poesia.

# O TEMPO

A vida vive ocupada,  
Entre jurasa relógio minúsculo,  
De arrependimento trajada,  
Quejaz no crepúsculo.

Um tempo de nada,  
Que a velocidade roubou,  
A alma estorce amargurada,  
Sem tempo que ao amor doou.

Esbate coração dolorido,  
Entre murmúrios desolados,  
Não mais interessa estares perdido,  
Nos ermos caminhos traçados.

O lamento ao tempo implorado,  
Apenas te dará uma miragem,  
Que teceu virtuoso passado,  
Renunciado sem coragem.

Essa sombra de névoa esvaecida,  
Impele brutalmente para a morte,  
Colocando em causa a vida,  
Que deixamos em passaporte.

# A BUSCA DO AMOR

Este coração coruscante,  
Cedeu a caminhos rochosos,  
Ontem de amor fulminante,  
Hoje passa em trilhos chorosos.

Mistura de um coração inquieto,  
Que se entrega sem pensar,  
Procura sempre, incompleto,  
Contenta-se com o que encontrar.

Vive ao sabor do limite,  
Com a mesma cadência,  
Tudo ou nada permite,  
Adulto na adolescência.

Lágrimas que ninguém vê brotar,  
Dentro da sua alma,  
Coração onde vais tu parar?  
Se nem o tempo te acalma.



# JOSÉ HILTON ROSA



*Autor de 8 livros de poesias e 3 livros infantis. Membro do Movimento poetas do mundo com sede no Chile. Membro da Confraria de poetas Belo Horizonte. Membro da Liga de escritores mineiros. É formado em diversos cursos técnicos, parapsicologia, gestão de pessoas e sindicalismo. Reside atualmente em Belo Horizonte/MG. Possui a página "josehiltonrosa" no recanto das letras.*

# NA PANDEMIA, PESTE NEGRA

Uma época contada em histórias pelos criadores  
literários  
lembrando Boccaccio um dos grandes literatos  
com seu estilo e formato  
escreveu em contos e novelas  
levando seus aparatos  
sete moças e três homens  
para fugir e esconder do terror da peste negra  
saindo das cidades e venerando nos castelos dos  
campos  
pela formação masculina  
razão, ira e luxúria  
de maneira espúria  
acreditando na formação  
aos homens assim denominou  
grandes virtudes das mulheres  
prudência, justiça, fortaleza e temperança  
outras na fé, esperança e caridade  
de lá até hoje nessa idade  
podemos afirmar  
com olhos crescidos  
à beleza favorecida  
aproximando do desejo de amar  
começaram a profanar, querendo conquistar  
com idades a floradas

a paixão abraçada na cultura  
uma história verdadeira de amor exposta em  
literatura  
contada em Decamerão.

# MUITOS SÉCULOS DEPOIS

Leigos e vivaldinos colocaram o povo em desatino  
nova peste surgindo  
com nome de corona  
a ciência muito atenta  
estuda e descobre sem invento  
vacinas que combatem doença virulenta  
também matou de montão  
como em mutirão cientistas de todas as nações  
abriram seus corações  
muitos para a cura deram suas vidas  
em versos e palavras reunidas  
exploram este item, como novo Decamerão.

# JOSÉ ANTÔNIO URROZ LOPES



Nascido em 1941 na cidade de Uruguaiana RS; reside em Curitiba PR e é formado em *Geologia* pela UFRGS em 1963. Na área literária publicou o livro de poesias "Sonata de Outono" em 2003; o romance "InnocensManibus" em 2012; organizou, em 2013, o livro de memórias da Turma de *Geologia* de 1963 com o título "1963 foi ontem... Meio Século de *Geologia*" e participou de diversas Antologias Poéticas. Na área técnico-científica é autor da Dissertação de Mestrado "Os movimentos coletivos dos solos e a evolução das encostas naturais nas regiões tropicais e subtropicais úmidas" em 1995; publicou o livro "Encostas Evolução, Equilíbrio e Condições de Ocupação" em 2017 e possui mais de 50 trabalhos científicos publicados no Brasil e no estrangeiro, em revistas científicas, anais de simpósios e congressos.

# A VIDA IMITA A ARTE

*Vasco de Sant'Anna*

Um piano tocado em sincopado,  
um baixo a bater desesperado  
enquanto sola  
um bandoneon:  
um tango de Piazzolla.

Um riso num rosto contristado,  
um palhaço a chorar envergonhado  
seu velho mito  
de alegria:  
uma comédia de Carlito.

Um destino, há muito, já traçado,  
um labirinto, um círculo fechado,  
um inseto que se esfrega  
numa vidraça:  
uma tragédia grega.

Um trovador a cantar apaixonado  
seu infortúnio de amante desprezado,  
um peito que se estufa  
numa cena brega:  
uma ópera bufa.

Um misto disso tudo, bem dosado,  
um pouco de heroísmo, deslocado,  
uma esperança insana  
e está pronta:  
uma vida humana.

# JULIANA FERREIRA DOS SANTOS



Nascida no dia 17 de março 1994, em Nova Lima/MG onde continua vivendo. É Artesã, Artista e Escritora independente. Busca transpor para o expectador, um pouco de suas ideias e sentimentos por meio das poesias, poemas, textos, desenhos, pinturas e artesanatos. Atualmente, 2021, cursa o terceiro período do curso de Artes Plásticas na Escola Guignard - Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).



# CAOS

Despertei em meio ao caos  
Meus sonhos já não importam mais  
Com meus olhos semiabertos  
Tento encontrar a minha paz

Despertei,  
Com enorme aperto no peito  
Volto meus olhos pra dentro de mim  
Mas não encontro mais jeito  
De reconectar à minhas emoções

Quero voltar a dormir  
Sonhar com um tempo  
Que eu transbordava Amor e Esperança  
Não somente vagas e rasas lembranças

Quero voltar a dormir  
Com seu corpo quente  
Envolto em mim

Quero voltar a dormir...

# JÚLIO CÉSAR MARTINS SOARES



Goiano. Filósofo. Poeta. Psicanalista e mestre em educação. Autor do livro: "O mundo Sente Saudades de Francisco de Assis".

# O AMOR É URGENTE

O dedo mágico do amor  
contempla todos os instantes  
com a urgência de quem reclama  
e sente e grita.  
Nasce de um gesto simples.  
Torna-se hábito cotidiano  
e transforma-se em natureza definitiva.  
Ama-se por amar.  
Todo amor não é assim?  
Uma urgência que reclama,  
Uma paixão que se inflama,  
Um amontoado de sensações?  
Um destino inevitável,  
Uma sensação inabitável,  
Um emaranhado de emoções,  
Um desejo sem fim.  
Uma espécie de doença ou loucura,  
uma ilusão, utopia.  
Um cegar-se por nada,  
por um vestígio da pessoa amada que ficou na alma.  
Sem dar aviso  
Nasce o amor

# KERLEY SANTOS



Codiname - Lolla K. Bedrines. Poetisa; Ativista, Pós-Doutora em Democracia, Cidadania e Direito pelo Centro de Estudos Sociais de Coimbra, Portugal. Doutora em Psicologia pela PUC-Minas com estágio Sandwich pela Universitat Autònoma de Barcelona - Espanha.

# TOCAR ADIANTE, URGÊNCIAS E (IN)SURGÊNCIAS

Energia despender  
Não dá mais pra depender  
Entre gosto e desgosto  
Entre caso e descaso  
Entre riso e choro  
Entre vida e morte  
Entre rua e casa  
Entre verdade e mentira  
Entre cheio e vazio  
Entre eu e vocês  
A via de mão dupla urge  
Cadê o diálogo?  
De novo a mesma coisa  
Perdeu o interesse  
Conheço o seu sarcasmo  
Reviro memórias e filme esse  
já passou  
Narrativas prescritas  
Quero surpresas  
O cansaço toma espaço  
Não quero andar mais a esmo  
Nem antecipar o final  
Cadê eros?

Conheço a sua índole  
Apaziguar o que sou  
Seguir adiante  
K (omom) verso  
cultivo das artes e da retórica  
voltar ao tempo real  
lugar de histórias, estórias  
memórias  
rasas, profundas  
doce, salina, salobra  
passo firme e curto de cada vez  
caindo, de vez em quando  
não sou lacônica  
idas e vindas  
condizente com os tempos de incerteza que pairam  
nas voltas que a vida dá  
no percurso, no meio, no gerúndio  
idiosincrasias  
interrogações, exclamações e reticências...  
por enquanto  
nenhum ponto  
Apenas autoconhecer  
(Des) cobrir  
(Des) prender  
Insurge amar... ir amar  
Sem nau, divagar,  
Sem pressa, com poucos  
Neurose como fonte e prazer como restrição  
Com todes, no corpo e para além dele, resistir  
Eis a (re) existência.

# LEANDRO ALMEIDA



Graduado em Letras/Português pela UNIFAL-MG, professor de Língua Portuguesa e Literatura, poeta e escritor (de contos e crônicas). Nascido e criado em Varginha/MG, onde vive a mesma vida de bairro desde 1991, com minúsculas interrupções de rotina. Ainda não publicou nenhum livro, mas tem algumas poucas participações em antologias e concursos. Recentemente teve um trabalho selecionado pelo Itaú Cultural (antologia "Depois da Pandemia") e, por ora, esse é voo mais alto que seu trabalho com a poesia foi capaz de alcançar.

# PARA ENCONTRAR LIBIDO NO INFERNO

mal flerto a nudez  
de meio milhão de corpos  
no escuro desta nação

me é pena estarem assim  
todos mortos  
(sem oração  
sem bacanal)

não havendo tempo  
para mistérios gasosos  
desse amor plural  
esperava mais  
juro

entre morta e viva  
(custa e muito essa paz)  
permaneço encarnada  
enferma de sorte  
solerte e cheia  
de fardo

passagem só de ida

e se o decantar do beijo  
amargo sem futuro  
na testa de isopor



da caveira que resta  
revela-me verdades  
eis a única que presta

meu desejo  
não tem início  
nem vê final  
é fruto alfa e ômega  
do absurdamente real  
(tesão descomunal natimorto  
cego surdo e mudo)  
e realmente um absurdo

prefiro viver  
que receber  
tal vida

# MANOEL BARBOSA



Ator, performer, escritor, poeta e dramaturgo. Também é diretor e produtor teatral. Nasceu em 06 de outubro de 1964 em Central de Santa Helena/MG, Brasil. Já publicou os livros de poemas: "SANGUE E BLUES", "UIVOS URBANOS" e "ATMOSFERA". É coautor em diversas coletâneas publicadas no Brasil, Portugal e outros países. Além do repertório em língua portuguesa, também escreve e publica em antologias impressas e internet poemas de sua autoria em inglês, alemão e italiano.

# CHAMADO

Um chamado surge em brisa matinal de outono  
expressa tom de liberdade num inspirar nostálgico.  
Sigo caminhada, à frente mais um belo encontro  
sol de primavera, manhã alegre num inspirar poético  
também sugestivo à atenção, tempo, reflexão.  
Mais uma vez... Verão ardente levando ao desejo  
contemplação da beleza a transpirar sensualidade  
mas o acordar para o real explícito e latente diz...  
Tudo paliativo para tempos de riscos  
risco de tropeço  
de encontro com a força assassina  
sedenta e sanguinária  
psicopatia e genocídio a pontuar na terra ensolarada  
terra de luz ou terra santa, sangrenta  
malvada ou castigada  
a terra, poder e ganância  
luxúria e belos jardins, pedras  
preciosidades e abundância da miséria escancarada  
floresta em clamor agonizante cruelmente  
devastada  
tanto quanto a banalização da assombrosa cegueira  
idolatria a velar a realidade  
mas a verdade sugere o amor.

## FEZ-SE

Ela chegou e fez-se pouso em mim  
fez-se água saciando minha sede  
fez-se cristalina diante da cegueira do querer  
não fez milagre, mas tornou-se vinho  
quanto à qualidade não comentarei  
algumas vezes me embriaguei  
não fez milagre, eu sei, mas o vinho... ah!  
Agora vinagre, acidez, azedume se fez, nebulosa não  
fizemos milagre, mas nos fizemos distância voos,  
lembranças, nos fizemos saudade e o seguir.

# MÁRCIO DE SOUZA ANDRADE



Nascido em Belo Horizonte/MG. Pós graduado em Letras. Docente. Laureado, dentre outros, com o 2º lugar (poesia) pela ALGRASPE/SP, 1994; 3º lugar (poesia) pela Academia de Poesias de Luziânia (Goiás) 1998; 1º lugar (contos) pela Phoenix Editora (SP) 2002; Menções honrosas e destaque em certames no Brasil e no exterior. Homenageado pela DGF Edições (BH) e Revista Brasília-20 Anos a serviço da cultura (DF) 1996. Participa de diversas antologias nacionais e internacionais. Membro correspondente da Academia Petropolitana de Letras, Centro Cultural e Artístico de Felgueiras (Portugal); AD HONOREM, International Writers Association-IWA (USA). Publicou: Expresso Mineiro-1984 co-autoria, Todo Sentido-1989, Co ti di anos-2003. Co-autor, juntamente com o poeta Rogério Salgado, do projeto In/sacando a poesia-1996.

# 2020

Novo ano começava novo  
Promessas perspectivas tantas  
Receio que não espanta  
Alegria e confiança do povo.  
Vinham sonhos de verão  
Aura positiva que era  
Feliz compromisso à espera  
Olhos de esperança brilhavam.  
Mas de repente nuvens  
Tolas cinzas pesadas  
Pela atmosfera levadas  
Tempestade que não convém.  
Dragão vermelho cuspiu fogo  
Espalhou no céu o medo  
Louco estranho brinquedo  
Desconhecidas regras do jogo.  
Levou então o nome COVID  
Logo era outro novo vírus  
Voando como vampiro  
E que os pulmões agride.  
Aterrissou entre aqui e ali  
Era preciso domar a fera  
Estranho espírito que vocifera  
Para os ânimos aturdir.  
Escondeu-se o mundo então  
Virou calabouço doméstico  
O espaço agora nanico

Tédio lágrimas depressão.  
Contatos só pelo computador  
Encontros tão sem poesia  
Convivência longa e fria  
Sem afagos sem calor.  
As mãos se afastaram  
As reuniões se distanciaram  
As bocas se recuaram  
Os olhos se fecharam...  
Motocicletas agora vêm e vão  
Ruas vazias praças esquecidas  
Nos quartos, camas repartidas  
Nas janelas completa aflição.  
1920 - 2020... coincidência?  
Longos cem anos os separam  
Desastre tamanho malogrou  
Não explica toda ciência.  
O mundo inteiro se mobilizou  
Era preciso domar a fera  
Grande e longa foi a espera  
Laboratórios vacinas show.  
As ilusões aguardavam portas  
Calamidade tão sem igual  
Ano mal e ainda sem sal  
Mortos cortes mortes mortas...  
Guardiões: - peço-lhes, rogo  
Então apague esse ano  
Vírus feroz leão insano  
Quero esquecer-te logo.

# TEMPO TEMPO ESSE

O tempo não tem fim  
Movimenta o pensamento  
Como toda expectativa  
Pulsa além do destino  
São memórias de vento.  
O tempo é adversário  
Passa com sua eloquência selvagem  
e o futuro embaça e deixa lugar vazio  
para outro ocupar.  
Vago espaço da existência  
Ventre de desapegos e fardos  
Então tudo se torna sombra  
e aniquilação  
Entristece quando não somos mais...  
O tempo ignora a permanência  
para se gastar a vida,  
mas prende em sua gaiola.  
O tempo leva a hora  
O tempo leva o dia  
O tempo leva a sorte  
e depois comemora.



# MARCO CORTEZ



*Médico veterinário, professor universitário, fotógrafo e escritor. Autor com vários trabalhos publicados, com participações em livros de contos, crônicas e poesias e livros solo.*

# COVEIRO

Ele vaga em montes de ócio e desamparo,  
Imerso até a alma no chorume fétido  
que escorre dos corpos.  
Milhões de enterrados, por falta de tempo,  
não mais a sete palmos.  
Somente ele presente, repetindo tristes salmos.

Outros virão, eles gritam em mortífera previsão.  
E sentem medo do que habita dentro do peito.  
Receio do contato e contágio;  
Pois onde havia uma família,  
outrora em equilíbrio quase perfeito,  
Agora há uma lacuna afogada  
em lamúria e mau presságio.

Se sempre fomos efêmeros ou mesmo irrisórios,  
Agora somos bem mais transitórios,  
em milhões por dia:  
Nossos mortos, nossas cruces de culpa e ironia.  
Pois muitos ainda negam e comemoram  
em lascívia abusiva.

Quando mais tarde voltam para seus lares,  
Os trabalhadores das covas encontram  
apreensivos olhares:  
São tantas batalhas perdidas

e pouco tempo para o ardor.  
No silêncio do casebre, entre a companhia da dor  
E da fome que não passa,  
Quase sempre há um prato raso de comida escassa.

E quando a mulher tosse,  
ele reza para que não seja a praga  
Que se alastra por dentro até a falta de ar.  
Amanhã, ele terá outros mortos para enterrar,  
Ela ficará em casa,  
buscando no divino alguma esperança.  
Mesmo na certeza que a terra clama  
já por sua herança.

# NEIDE PEREIRA DE OLIVEIRA



Natural de Vitória - ES, fisioterapeuta e analista de sistemas possui poemas publicados em antologias poéticas e em concursos nacionais, como Sarau Brasil 2020 - Antologia Poética da Vivara Editora, Poesia Agora - Inverno 2020 da Editora Trevo, Revista Entreverbo #37, Revista Entreverbo #38, Amor sem Fronteiras editora Poeta Alternativo, Concurso Wellington Brandão de Poesia, da Agenda Editora, e no Concurso Nacional de Poesias da Revista Brasília. Concilia suas atividades profissionais com suas paixões, que são a poesia, a fotografia, o esporte, a natureza e a cultura capixaba.

# LIBERDADE

Aquelas asas quem me deu?

Feitas de duras penas  
de um passado que de  
tão gasto se perdeu.

Palavras mudas que em  
meus lábios se escreveu:  
li-ber-da-de.

Fosse um grito abafado  
entre asas abatidas  
em combate.

# NUVEM

O céu está tão azul  
que chega doer.

Toda a claridade de um sol  
que tudo aquece,  
e quanto a mim?  
Me esquece.

Continuo como aquela nuvem,  
inexistente hoje,  
vazia e sombria.

Feito um vírus  
que não se vê,  
mas que invade,  
e rompe por dentro  
todo ser.

Dissipa feito nuvem,  
o que um dia  
acreditou humano viver.

# NEILA REIS DA SILVA



Nascida em Feira de Santana, Bahia. É Enfermeira, Fisioterapeuta, Especialista em Saúde Pública com ênfase em PSF, Especialista em Ginecologia, Obstetrícia e Neonatologia, Especialista em Acupuntura, Especialista em Fisioterapia Traumato-Ortopédica, Especialista em Gestão e de Serviços de Saúde, MBA em Saúde do Trabalhador. Mestre em Gerontologia, Palestrante, Docente e Escritora. Na literatura sua preferência é pela poesia e atualmente possui duas obras publicadas *Lendas Nordestinas*, narradas em verso e *Caos de uma Pandemia*, versos. Possui obras publicadas em diversas revistas, livros e antologias

# A SOMBRA DO FINAMENTO

Réptil rasteiro que desliza na lama fétida  
da desarmonia,  
No desalento alheio se fortalece a sua glória e  
alegria.  
O mundo em equilíbrio lhe causa dor e sofreguidão,  
Mas o choro incessante do próximo, acalma seu  
coração.

Sucesso e realização alheia te causa inveja e  
vergonha,  
Desesperança e descrédito são a base de sua  
peçonha.  
A alegria de festas lhe causa repulsa, ódio e rancor,  
O sucesso do próximo aflora na face, todo o seu  
amargor.

Ela projeta um mundo ideal que só habita em sua  
mente,  
De alguém que foi grande e glorioso, mas foi  
inexistente.  
Ela se embriaga nas lágrimas de carpideiras  
desiludidas,  
Labaredas apagadas de uma chama, na vida perdida.



# DIZER ADEUS

Não esqueça de chorar  
Por quem partiu sem dizer adeus  
Ânsia de noite chuvosa  
Oculta lembrança em camafeu.

A ausência da despedida  
Não apaga a saudade incessante  
O vazio da passagem,  
De quem da vida é delgado viajante.

Hodierna Peste de despeito  
Recolhendo em prisão sem portas  
E que transforma o peito em rarefeito  
Lança o isolado em uma funda cova

Guarda no baú de lembranças  
Os momentos jucundus que viveu  
Salva no teu peito quente  
A lembrança ausente do passado seu.  
Somos todos passageiros  
Deste barco à devida em imensidão  
Na acostagem errante  
Do revérbero que se apagou em lassidão.

# PALOMA ELAINE SANTOS GOULART



39 anos, mãe de uma adorável criança de 6 anos, cujo pai é um companheiro de vida, há quase 20 anos. Profissionalmente, atua como professora e advogada. É formada em Direito. Mestre e doutora em Sociologia. Gosta de escrever poemas, crônicas e contos. Aos 8 anos de idade ganhou uma máquina de escrever de seu pai, sendo uma forte imagem na construção de sua identidade. É autora de artigos e livro, além de ter publicado poemas em obra coletiva de escritores. Na presente coletânea busca contribuir com dois poemas que traduzem sentimentos e percepções sobre o "estar no mundo" e, em especial, sobre "viver no Brasil", desde o início da pandemia por Coronavírus no ano de 2020. Facebook: @prof.palomagoulart / Insagram: prof\_palomagoulart

# CONTAGEM

Perdi a conta de mim.  
Parei para contar as lagartas no maracujazeiro e as  
formigas  
nos pés de berinjela.  
Chegaram as contas que não seriam pagas.  
Contei o dinheiro que não existia.  
Não fixei a contagem do número de mortos.  
Guardei a conta dos fios brancos que surgiam à  
minha cabeça.  
Contei as horas para ter tempo de escrever o meu  
próprio *best seller*.  
Contei os parentes e amigos, já não estavam todos.  
Contei comigo, já não estava toda.  
O tempo passou sem que eu o contasse.  
Eu à deriva.  
Histórias sem contagem.  
Contagem das não vidas.  
O que são os números?  
Urnas e mais urnas.  
Horas, luas e bytes.  
A vida sob pressão, dia após dia, sob medida, dia  
após dia.  
É difícil dormir, há conta grande para amanhã.  
E depois de amanhã, se viva, eu conto.

# LIQUIDAÇÃO

Vendem-se máscaras: apenas cinco reais.  
Garrafas de álcool: duas por quinze.  
Um curso de vendas: custa apenas duzentos.  
Própolis e açafraão, em promoção.  
Dinheiro a preço de vacina.  
Dólar a preço de pulmão.  
Respiradores a preço de votos e urnas.  
Petróleo por número de cliques na internet.  
Desconto em tudo, se arrematar até o último minuto  
desta noite.  
Basta clicar e digitar os números do cartão de  
crédito.  
Qualquer bandeira, não importa a bandeira!  
Brindes? Existem!  
Animais domésticos, selvagens, florestas:  
o étnico é pop!  
Crianças, escolas, inocência, esperança e  
brincadeiras.  
Tubos de ensaio customizados: ótimos recipientes  
para temperos na cozinha!  
Eis a grande liquidação, que não será esquecida pela  
História!

# PATRÍCIA ALVARENGA



Psicóloga pela Unipac/Ipatinga/MG. Pós-graduada em Avaliação e Diagnóstico Psicológico pela Faculdade Única, pós-graduanda em Psicologia Fenomenológica Existencial. Atualmente trabalha como Psicóloga concursada pela Prefeitura Municipal de João Monlevade/MG. Já Trabalhou no Núcleo de Apoio à Saúde da Família-NASF e no Sistema Único de Assistência Social-SUAS (CRAS e CREAS). Já atuou com grupo de mulheres com diagnóstico de depressão e ansiedade e mulheres vítimas de violência. Trabalha também com adolescentes e adultos através de atendimentos psicológicos mediados por TICs. Autora dos livros *A Avaliação Psicológica e o Lugar do Psicólogo no SUAS- Limitações ou Possibilidades*; *Aprisionamentos: Porque Algumas Pessoas permanecem em Relacionamentos Abusivos*, ambos disponíveis na Amazon.

# OUTRORA SE PARECE COM O AGORA

Queria escrever um poema,  
Mas sobre o que escreveria?  
Poetizaria sobre o amor?  
Já tão demodê... Para que serviria?  
Escreveria sobre a vida sem sentido  
Cheia de vazios?  
Ou sobre as mortes solitárias  
Sem o último olhar de despedida?

Falaria sobre as palavras que nunca foram ditas  
Nos leitos de morte ao moribundo?  
Ou sobre os enterros sem velórios,  
Sem rituais, ou despedidas,  
Ou abraços reconfortantes dos queridos  
após brigas?  
Os mortos, quem são eles?  
Vítimas do vírus de agora,  
Ou desaparecidos sob a tortura de outrora?  
De repente ficou tudo tão parecido...  
As mortes de agora se parecem  
Com as mortes de outrora.

Qual o valor da vida?  
Da vida daqueles que já estão fracos...

Da vida daqueles que já não dão mais lucro...  
Da vida daqueles considerados  
Inimigos.  
Os corpos são levados sós para os sepulcros.  
Como lixos biológicos  
Precisam ser descartados com segurança,  
Assim também eram descartados  
Os corpos dos desaparecidos de outrora.

Mas o comércio anda cheio de infectados,  
A economia não pode parar...  
E os mortos sob tortura de outrora?...  
A economia estava a disparar  
Diziam antes... Dizem agora:  
A economia precisa do troco.  
E a vida? O que é a vida?  
Um sopro,  
Apenas um sopro...

# ONDA ROXA

Há uma onda roxa.  
Há uma onda de mortes.  
Há uma onda triste.  
Há uma onda sem fim.  
Pessoas partem  
Para uma viagem sem volta,  
Para onde?  
Não sabemos.

São levadas por um vírus,  
Todos nós somos  
Potenciais portadores,  
Potenciais assassinos,  
Ou  
Vítimas...  
Não sabemos.

Muitos não se assustam,  
Muitos não se importam  
Com esse abismo escuro,  
Que parece não ter fim.  
Mas há algo pior.  
Há algo muito pior!  
Há algo sombrio  
Dentro das casas,  
Nas ruas,  
Nos becos escuros,



Em lugares ermos.  
Ou mesmo  
Á luz do dia,  
Na saída do trabalho

Talvez queiram seu carro,  
Talvez queiram sua carteira,  
Seu celular,  
Talvez queiram suas senhas.  
Talvez queiram seu corpo.  
Seu medo,  
Seu horror.  
Talvez sua dor, seu desespero,  
Seu terror.  
Há algo perverso,  
Sádico,  
Covarde...  
Há pessoas sem afeto natural,  
Sem compaixão,  
Seres cruéis.

O mal existe meus queridos!  
O mal existe!  
O mal se parece com um de nós.  
Jesus disse há dois mil anos  
Que nos últimos dias  
Nos corações dos humanos  
O amor se esfriaria

# PAULA VALÉRIA ANDRADE



Poeta, escritora, professora, diretora de criação e artista visual. Publicou mais de 20 livros de: poesia, arte-educação, didáticos, antologias, prosas e livros infantis. Tem prêmios literários em: Portugal, Itália, Alemanha, EUA-NY, e no Brasil: Jabuti, UBE e APCA. Foi "*Menção Honrosa Poesia*" 2016, na *Federação das Academias de Literatura e Artes do Rio de Janeiro - FALARJ*. Em 2017, foi júri do Prêmio São Paulo de Literatura. É laureada - Casa França-Brasil - pela APALA- RJ, 2018. Seus novos livros de poesia são "*Amores, líquidos e cenas*", da Ed. Laranja Original, 2018, e "*A Pandemia da Invisibilidade do Ser*" da Ed. Algaroba, 2019. Prêmio Guarulhos de Literatura - Livro do Ano - 2º lugar | 2021. Mentora e curadora do coletivo Feminino Infinito.

# NECROPOLÍTICA DA PANDEMIA II

Um céu de helicópteros,  
Sobrevoa o topo da cabeça.

Ambulâncias em sirenes  
Estridentes por esquinas do bairro

Saio somente ao repor alimentos  
Estresso os tímpanos

Negacionistas,  
Andam sem mascarar.

Como moscas,  
Pelas ruas da cidade.

Proferem palavras podres,  
de um narcisismo perverso,  
ao gosto do retrocesso.

Clandestinas festas nas madrugadas de arromba,  
Perfazem 4 mil mortos ao dia.

Clandestinos barbeiros abrem as portas na esquina,  
600 valas novas ao dia, só na capital.

A inauguração de um nunca visto, cemitério vertical,  
Desumana conta sem igual.

1.300 leitos em ocupação esgotada, ao dia,  
Macro aborto do micro cidadão sem opção.  
Tudo à deriva e à revelia.

Vejo tudo da janela.

Parou.Parou com tudo.  
Lockdown. Fase vermelha.

Vaga é a centelha,  
de esperança quando a vida se vai.

E derrama, tudo aquilo,  
de bonito revelado (muitas vezes perdido).

Em vidas e mais vidas deixadas,  
No caminho de cada um.

Destino. Sobrevivência, ou morte.  
Se cuida! Reza. E se ajoelha, a própria sorte.

# RASSÉ LAGOS



Pseudônimo de Lucas Lopes, nasceu das dores e sonhos, andou mais do que viveu, apaixonou-se pelo céu desde o começo e lá pretende ser enterrado. Estudou pouco, sabe quase nada, apenas resiste. Escreve. Na sua cabeça, eterna poesia.

# NÃO TENHO AMIGOS

parado no tempo  
preso lá distante  
parado no tempo  
tenho fraquezas e  
eu carrego a luta

confiança é bônus  
debilidade ataca  
disciplina é frágil  
a lua nova brilha  
no  
fim da madrugada

meio que tento mas  
não sou sincero  
na pior eu  
sou o melhor

trato crianças  
como adultos e adultos  
fossem crianças

todo dia eu ganho  
todo dia eu perco  
furto além que fujo  
placar é uma puta!

# OUTRA FOME

a dor quer me comer  
meus nervos não têm  
refúgio  
o inimigo sou eu!  
ouço o canto dos pássaros  
para onde nós vamos?  
pudesse seria mágica  
e desistir é burrice  
me perdi nesses jogos  
eu perdi esses jogos!  
que que você quer dos livros?  
o que você quer não é vida?  
confesso 37 crimes...  
Escapar é só delírio  
um passo é maior que a morte  
Teime maisna superação.

# RICARDO ALFAYA



Nome artístico de Ricardo Ingenito Alfaya, natural do Rio de Janeiro, onde reside. Escritor, livreiro e revisor profissional. Formado em Direito (Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ) e em Comunicação Social (Faculdades Integradas Hélio Alonso, FACHA). Tem cinco livros de poesia publicados, inclusive: "Fronteiras em Liquidação" (Dowsley Editora, 2016), com o qual obteve o "Prêmio Diretoria", da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ), entidade da qual é Membro. Está em aproximadamente 60 antologias, em verso e prosa. Textos seus divulgam-se em mais de 70 publicações. Obteve 37 prêmios literários. Consta da "Enciclopédia de Literatura Brasileira", de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, hoje coordenada por Graça Coutinho e Rita Moutinho.



# DESCOBERTA ESTUPENDA

Uma tela suporta um quadro  
e, dependendo do artista,  
salvam-se ela e a moldura  
da efemeridade de tudo.  
Salvam-se talvez, eternamente,  
se o caro e famoso objeto  
não for transformado em excremento  
por uma quase invisível broca,  
por um ínfimo e desprezível cupim.  
Mas, ai de mim,  
nada salva o momento  
por mais em poema que se tenha transformado.  
Perde-se o instante,  
por mais que seja datado após o último verso;  
por mais que se o tenha enquadrado numa folhinha;  
por mais que se tente aprisioná-lo  
no branco da página de um diário,  
nas estreitas grades de uma agenda.  
Que descoberta estupenda:  
Todo tempo é perdido.

# QUESTÃO DE POSSE

Descem insetos pelas paredes do meu quarto.  
Têm variadas cores, formatos e tamanhos.  
De muitos desconheço os nomes  
que lhes terão dado outros homens.  
Alguns são peregrinos quase invisíveis.  
Teriam de fato algum desígnio ou desiderato?  
Será que essas microvidas que andam por aqui  
também terão andado pela alcova  
da nova e bela vizinha do andar de cima?  
E essa vizinha, embora bela,  
será cruel e elitista?  
Fará, porventura, parte do grupo fascista  
que, no pleito de 2018,  
votou no atual presidente eleito?  
Sem nenhum respeito,  
continuam a descer, mudos,  
mundos de insetos.  
Sem cerimônia,  
tomam posse das minhas paredes.  
Estabelecem fronteiras, demarcações.  
Só para me darem a certeza  
de que minhas paredes nunca foram  
(e nunca serão) realmente minhas.  
De que nada me pertence,  
de que nada me é exclusivo.  
De que tudo em minha vida  
(será mesmo apenas minha?)  
é hipotético, virtual e dividido.

## RILNETE MELO



Brasileira, de Pindaré mirim -Maranhão, licenciada em letras, escritora cordelista, membro das academias "ciências artes e letras do Brasil " e "Academia internacional mulheres das letras ", participou das antologias "poetize prêmio 2013" e " Se essa lua fosse nossa ", autora dos cordéis "E agora José?", "Pindaré 96 anos " "Lázaro 80 anos" e " Literatura é direito da gente ".

# LACUNA

Descompassos vividos  
Incompletude  
Temores  
Ausência  
Inconcretos abraços  
Sorrisos enroupados

Na ótica da dor  
Olhares vazios

Seres tateando  
Na expectativa  
Na resistência!

E o destino a conduzir  
Pela estrada  
Sobreviventes  
Em reveria  
Ao amor  
À fé  
À poesia!

# ABRAÇOS

Hoje

Movimentos sem rotação

Metamorfoseados

Pelo invisível

E o grito do calor humano

Aperta no peito hipotético

Imperecível

Gesto calado

Na dor

No medo

Na morte

Na homenagem

No consueto

E de Deus

Em intensidade

Conforto

Ato consumado!

# RODRIGO STARLING



Filósofo, escritor e poeta, natural de Belo Horizonte/MG. Pós em Gestão de Políticas Sociais (PUC Minas); Mestre em Ciências Políticas (ULHT Lisboa). Autor de 13 livros, figura em coletâneas do Brasil e exterior. Em 2004, fundou a Oficina de Produção Artística - OPA, hoje, MINAS VOLUNTÁRIOS, no qual é Diretor. Em 2011, criou o Selo Editorial Starling, responsável pelas antologias *Cem Poemas*, *Cem Mil Sonhos* (2018), *Provérbios da Lama* (2020) e esta *Novo Decameron* (2021). Laureado: Menção Nosside XXIV - UNESCO World Poetry Directory; Medalha Resgate da Cidadania (2008) e Medalha Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais - INBRASCI (2012). Em 2013, nomeado Embaixador pelo Cercle Universel des Ambassadeurs de La Paix - CUAP, de Genebra/Suíça e Orange/França. Em 2015/16, atuou como moderador (Rio Dialogues) e consultor (UNV), ambos junto à Organização das Nações Unidas - ONU.

# CORONALGOZ

Bastardo filho da vaidade  
Simulacro real, indivisível  
Quem és tu? Que assombra a humanidade  
Tal desgraça, atomizada no invisível

Como ousa tolher o raro efeito  
Arruinando a linguagem universal:  
Do olhar, sorriso, abraço e beijo  
Se não a Besta... Tu és sinal!

Pestes, pragas, vírus, moléstias  
Cólera, varíola... Dos séculos a réstia  
Oitavo ciclo de escuridão

Revela-te orgulho! Filho da treva  
Que nasce, cresce, dizima e encerra  
CORONALGOZ... No ciclo da evolução

# O ABRAÇO

*Para Gisele Starling*

O amor é um abraço  
Que aperta, sem ser laço  
Certo par de corações

Eros, ágape ou philia  
Sublime tríade: fantasias  
Turbilhão de intenções

Supera o toque, até o beijo  
Esta arte do enlace perfeito  
Dois corpos, sensações...

Sei... Finito é o ato  
Mas eterno, de fato  
Tal o gozo de emoções



# ROGÉRIO SALGADO



Natural de Campos dos Goytacazes\RJ. Reside em Belo Horizonte desde 1980. Em 1982 publicou seu livro de estreia "Tontinho" (Conto - Edição do Autor). Na década de 80 editou a Revista Arte Quintal. Em 1993 criou o projeto "In/Sacando a Poesia" (Prêmio Capital Nacional-Categoria Poesia-Aracaju/SE, em 1998), que consistia em colocar poemas dentro de saquinhos de embalar pães nas padarias. Realizou com Virgilene Araújo, entre 2005 e 2014, o Belô Poético Encontro Nacional de Poesia de Belo Horizonte e o projeto Poesia na Praça Sete, realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo a Cultura de Belo Horizonte. Tem trabalhos publicados em jornais do Brasil e do exterior. Em 2020 lançou dois livros em comemoração aos seus 45 anos de carreira literária: "Envolver na criação" (Edições Costelas Felinas) com 45 poemas escolhidos pelo autor, os quais mais gostou de ter escrito e "Volúvel Fado" (RS Edições), este com poemas inéditos.

# SERMÃO

O amor transforma água em vinho  
multiplica pães e peixes  
crucifica-se na hora exata  
ressuscita diariamente  
a caminho do paraíso.

# SALOMÃO SOUSA



Jornalista e assessor parlamentar. Reside em Brasília (DF). Estreou em 1979 com *A moenda dos dias*, que mereceu resenhas na universidade de Harvard (EUA). Sua bibliografia inclui livros de poesia, crítica, organização e participação de antologias. Recebeu o Prêmio Capital Nacional do Ano 98 de Crítica Literária, reconhecimento Público da Resistência ao Ordinário pela edição do zine *Chuço*, do jornal *O Capital*, de Aracaju (SE), editado pela poeta Ilma Fontes. Recebeu o Troféu Tiokô, da UBE-GO, e o Diploma de Destaque Cultural do Ano de 2019, do Governo do Estado de Goiás. Membro da Associação Nacional de Escritores (DF) e da Academia de Letras do Brasil (DF). Sua obra vem sendo saudada por diversos escritores, tais como Sérgio de Castro Pinto, Ronaldo Costa Fernandes, Ronaldo Cagiano e Adeldo Gonçalves, estes e outros estudos disponíveis em sites da internet.

# MEMÓRIA INFECTA

Não aguento mais ler, folhear  
os mortos raios de sol na janela,  
escorar-me nos degraus da área.  
Dobradas, as pernas ardem.  
Por mais que substitua os calçados,  
os pés suam e, gélidos, me torturam.

Nada me soa biográfico  
se não me sinto um homem  
que seja sombra na areia, vulto  
homem movente na água.  
Não sei em que ameaço  
o projeto, o entupimento  
de um cano ou a estação.

Não imagino porque desconfiam  
que eu desejo atravessar,  
se pretendo abraçar  
ou levar a chave.

Tal o incômodo que fecho  
com cola venenosa  
a entrada do formigueiro.  
As formigas a saírem  
dos furos do rejunte da janela  
constituíam uma distração.

Limpar a pia é bem mais solitário  
após a pandemia das formigas.

Quem foi à praça para o manifesto  
com seu punhado de tubos  
de pasta de memória infecta?

# OCULTO

Necessário permanecer em clausura  
para não perder a minha sombra.  
Cometo o despropósito de existir,  
de não omitir o desejo de ocupar  
a luz que mostra a lâmina da relva,  
de não querer me ocultar qual  
mariposa entre gravetos, a me ofuscar.

Como irei cumprimentar Benedetti  
e a minha irmã, se estamos às vésperas  
do aniversário? E o verso é amoroso.  
Os protocolos falseados e os gananciosos  
continuam a fincar estacas.

Há o cerco e não avisto a ronda.  
Temo de repente o esquecimento  
de como posicionar a faixa de resistência  
ou modular as válvulas de um grito.  
E, bem antes, enganei a minha ganância.  
Não lavrei estacas, não desenhei a Muralha.

# SAMUEL MEDINA



Nasceu no Rio de Janeiro, Capital, em 1981. Graduado em Letras, trabalha como servidor público municipal na Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte/MG. Publicou, aos onze anos, o livro "A grande guerra", edição independente. Contribuiu em diversas antologias pela Andross Editora. É também autor de "O Medalhão e a Adaga" (Multifoco, 2013), "Patos Selvagens", (Baobá, 2014) e "A Cidade Suspensa" (Senhor da Lenda, 2015). Mantém o blog "oguardiaodehistorias".

# REPOUSO

Sou um ser da sombra  
a penumbra de minha  
alma  
decanta tons  
além do fogo  
do fumo  
e do breu

Um ser vazio  
andarilho  
de sentidos  
fugitivo  
de palavras  
apenas mais um  
exilado.

Sou uma imagem  
signo vazio  
trilha inútil  
de carne  
flácido  
percurso  
anunciado



Meu corpo  
deixado sobre a areia  
meio comido pelos peixes  
descansa  
em seu último  
dossel.

# ESPIRAL

Jogo fugaz  
um absurdo  
um pouco de tudo  
entrando pelos buracos  
findo o tempo de lamentações  
só nos resta  
o gozo  
o fosso  
faço de conta  
que sou mais forte  
cruzo oceanos  
desertos inteiros  
e me quieto  
sereno  
nesse regaço  
tão pouco provável  
ponto quântico  
Elevado  
à 13 potência  
ninho ou cova  
pouco importa  
é meu ovo  
meu voo  
meu vácuo  
meu único abrigo  
meu lugar  
Comum.

# TALITA YARA OLIVEIRA



Sereia que dança, destemida Yara. Teu som te cega?  
Aquele que procura o dito nas pausas e canções no vazio.  
Arraigada ao chão, porém sem terra para chamar de sua.  
Um rio de palavras em um vale de silêncios. Pertence ao mundo e o mundo a pertence. Afinal, de poeta e louco, todo mundo tem um pouco. Sua boa intenção está no inferno da inquietude, porque, antes de tudo, é uma eterna inconformada. Nem côncava, nem convexa. Na linearidade a poesia ressoa o seu infinito.

# CANCIONETA PARA AFASTAR A MORTE

A alma sitiada  
Compara suas penas em Si  
Menor  
Dissonância do Sol subjacente  
Susto sostenido  
Que não ousa amanhecer

Ao soar das trombetas em Dó  
A peste  
A fome  
A guerra  
A morte  
(Réquiem que desenterra seus vivos,  
Louvor que ilude seus corpos,  
É lótus)

A esse estado de sítio  
A esse desespero desengonçado  
Que destroçado repousa  
entre o Mim e o Fá  
chamamos de coma

No coda - recorda-  
A vida recomeça  
Deve haver algum sussurro

Depois do *staccato*  
Algun legado depois do *legato*  
Alguma suavidade  
Depois do *pizzicato*  
Deve haver  
alguma flor  
No Jardim pisado  
Nota que modula o tato  
Éden  
que ressoa o vibrato  
Éter  
que modifica o fato

# NA(RCI)SISMO

O eco do soldado que antes pairava  
No austero ar polonês deu espaço  
A gotejos piores que estilhaços  
Que o Oriente sequer mencionava

No perdigoto que nos tira a vida  
A arma química deixa rastros úmidos  
Leva consigo sonhos um dia únicos  
E enterra-os, sem pulmões, na gleba plácida

O Messias, representante, ri-se  
Como outrora rira de sua menina  
Que, num fraquejo, foi silenciada

- Isso não é nada! - Assim ele disse -  
Do temor que veio dos céus da China  
Para obscurecer nossa Pátria Amada!

# TCHELLO D'BARROS



Escritor e artista visual. Vive no Rio de Janeiro. Publicou 7 livros de Prosa e Poesia e tem contos, crônicas ensaios e poemas publicados em cerca de 100 coletâneas, antologias e didáticos. Suas criações visuais já participaram de mais de 150 exposições em 15 países. Ministra oficinas literárias, dedica-se à produção audiovisual e à itinerância de seu projeto multimídia de Poesia Visual "Convergências".

# ECONOMIZE-ME

Acontece que não vai fazer a menor diferença  
A depreciação do câmbio pelo *superávit* primário  
Nem a fuga de dólares com o *boom* das *commodities*  
Ou o investimento flutuante em derivativos de  
debêntures  
Para a catadora de sururu no mangue lamacento  
que amamenta sua criança quando baixa a maré

Acontece que não vai fazer a menor diferença  
A orçamentação cambial dos ativos de alta liquidez  
Nem a alíquota dos lucros pelas tarifas  
alfandegárias  
Ou a insolvência da desvinculação na receita da união  
Para o cortador de cana que morre de exaustão  
Antes de completar seus trinta e cinco anos

Acontece que não vai fazer a menor diferença  
A debacle dos organismos multilaterais sem renúncia  
fiscal  
Nem o colapso rentista via títulos pré-fixados  
Ou o imperativo da capitalização pelo *swap* cambial  
Para o velho coletador de materiais recicláveis  
Imerso nos monturos do depósito de lixo municipal



Acontece que não vai fazer a menor diferença  
Esses cálculos atuariais e seu *déficit* insolvente  
Nem a revogação do pacto tributário na taxa *Selic*  
Ou o tripé macroeconômico no epicentro do  
capitalismo  
Para as meninas esfomeadas da periferia  
que furtivamente colhem restos na xepa da feira

Acontece que acontece que acontece...

# AMAR INADIAMENTE

Dizem que a vida passa rápido  
Mas não passa em brancas nuvens  
O tempo é que segue em frente  
Sempre silente e invisível  
Com seus relógios e calendários

São linhas que se desenham  
Sinuosas na palma da mão  
Voláteis no rosto do espelho  
E que aos poucos se entrelaçam  
Para contar nossa trajetória

Na vida somam-se itinerários  
De mapas cidades e afetos  
Também pousos e travessias  
Hangares portos e marinas  
E distâncias e saudades

A vida é feita de momentos  
Em que cabe a palavra amor  
Tão inadiável quanto urgente  
Como um pouso suave  
No hangar do coração

# TRABION



Eronilto Mendes Soares, o Trabion, é poeta, escritor e contador de causos. Filho do Vale do Jequitinhonha, é um Jacinto-Rubinese que expressa na prosa e no verso a admiração pelas suas raízes e conta suas histórias. Foram 4 livros de poesias e causos publicados, *Contos que Eu Conto* - em 2004, *Mágoas de um Lavrador* - em 2008, *Meu Caminhar* - em 2011. Em 2013 lançou também o *Cordel Espelho de Bolso* e em 2019 lançou seu quarto livro, *Aventuras e Amarguras Culturais*. Participou da *Antologia Poética do Vale do Jequitinhonha* publicada pelo Instituto VALEMAIS. É sócio correspondente da ANELCA (Academia Nevensense de Letras, Ciências e Artes) de Ribeirão das Neves/MG, onde participou de 4 coletâneas. Trabion ainda participou das coletâneas "*Cem Poemas, Cem Mil Sonhos*", do Selo Editorial Starling e "*Esperança é Vida - Poetas do Jequitinhonha*".

# INSPIRAÇÃO

Cavalgando o cosmo lunar  
No descaso do avesso  
Sem rumo  
Nem direção  
Como estrela cadente.  
No peito  
A certeza de um amável chegar  
Sinto-me flutuando  
Na atmosfera  
Quero saciar me  
No fugaz olhar  
Dos astros entrantes  
Concentração,  
Dilatação das pupilas,  
Busco direção oposta  
Daqueles que trilham por  
Caminhos normais.  
Meu sentimento é vago,  
Veze voo  
Na velocidade do raio,  
Noutras no tardio pulsar  
Das minhas veias.  
Cintilo e apago,  
Tentando dominar  
As atrocidades  
Do meu  
Ser anormal!!!

# DEPRÊ

Madrugada em claro.  
Vagueio em pensamentos  
Atrozes do meu ser.  
A vida virando ao avesso  
Vejo no semblante das pessoas.  
O medo, a incerteza...  
Alguns otimistas dizem:  
\_ Isso vai passar!  
\_ Isso vai passar!  
Deus velando por nós.  
Lições de vida?  
Ou simplesmente uma fase?  
Estamos evitando o contato...  
Isolamento social é o lema.  
Nós que clamamos por liberdade  
Agora pedimos reclusão.  
Contradições, depressão,  
Vidas ceifadas.  
Ninguém aponta uma saída...  
Até quando?  
Esperamos uma resposta ou solução  
Um novo sol vai brilhar...

# WELLINGTON FARIAS



*Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia. Escreve desde 2010, sempre gostou de literatura no geral, com uma queda pela literatura inglesa do século XIX, dentre os autores brasileiros, tem como favoritos; José Lins do Rego, Raquel de Queiroz e Augusto dos Anjos. Well é poeta, contista e recentemente se aventurou nos romances. Em 2012 queimou 3 obras escritas à mão em um desses faniquitos de escritor pós-moderno!*

# MORTE

A pele fria arrepia-se com o beijo  
Nos braços da morte, a ânsia e a dor  
Eu, triste e desolado, tenho um lampejo  
Do meu cadavérico amor  
Com um gélido beijo.

Meus ossos tremulam com o frio da noite  
O caixão aguarda meu corpo  
e minha carne sangra com o fio do açoite  
Enquanto as larvas rastejam cheias de estupor

Ignominiarei as visitas de meu velório,  
chorosos e postiços  
Me reviro na cova com flores sobre minha mortalha  
a minha boca, quebrada e torta,  
sangrada por uma navalha  
Excomunga o cheiro da carniça  
Advinda do meu vizinho na lápide castiça!

Desmaiado sob o manto dessa velha amiga  
Parto triste e seco, desta amarga vida  
Um perdulário de emoções com velhas chagas  
...E novas feridas!





# SELO EDITORIAL



Com o objetivo de assessorar autores, experientes ou iniciantes, o Selo Editorial Starling atua na edição e publicação de livros de poesia, prosa, biografias, genealogias, memória empresarial e organizacional, história de municípios, bairros, lugares e seus personagens, com vistas a valorizar os saberes populares e a cultura local.

Consulte-nos!

**+55(31)99292-9805**

**[www.selostarling.com.br](http://www.selostarling.com.br)**



A madeira utilizada na fabricação deste papel origina-se de processo ecologicamente correto, socialmente justo e economicamente viável, de acordo com a legislação vigente.

